

PESSOAS LUGARES

Jornal de Animação da Rede Portuguesa LEADER+

Directora: Cristina Cavaco

II Série | Nº 9 | Maio 2003



Foto Limão / INDE

Em Destaque
Formação e qualificação

P 9 a 12 Territórios - Estrela-Sul

P 4 e 5 Entrevista Alberto Melo | P 8 Centros RVCC | P 13, 14 e 15 Seminário Estender as redes da cooperação LEADER

Formação e qualificação

Nos projectos de desenvolvimento local a formação está estreitamente ligada ao diagnóstico das necessidades de um território e a uma visão prospectiva e evolutiva das economias locais. Ajustar a oferta de formação a um potencial local, garantindo deste modo elevadas taxas de integração profissional, é a questão que hoje se coloca.

Fará pouco sentido falar em revitalização dos territórios rurais, sem perspectivar a qualificação do seu capital humano.

Nos projectos de desenvolvimento local a formação está estreitamente ligada ao diagnóstico das necessidades de um território e a uma visão prospectiva e evolutiva das economias locais. Pretende-se assim ajustar a oferta de formação a um potencial local, garantindo deste modo elevadas taxas de integração profissional.

Mas para além desta dimensão de integração, a formação pode ter um papel importante num processo de ressocialização, pode permitir a aquisição de saberes sociais e pessoais através da incorporação de regras, abre um espaço para uma contractualização entre diferentes actores - em primeiro lugar o formando - pode constituir uma primeira etapa para a aquisição de competências mínimas de empregabilidade - é o caso das pré-formações - pode e deve ter um carácter continuado num mundo sujeito a constantes evoluções, num quadro de formação permanente, pode ser um elemento importante numa óptica de reconhecimento e validação de competências adquiridas ao longo da vida. Nos últimos anos têm sido realizados vários estudos por diferentes entidades, entre as quais a Direcção Geral do Emprego e Formação Profissional (DGEFP) e o INOFOR - Instituto para a Inovação na Formação, sublinhando-se a multiplicidade de metodologias aplicadas, o perfil sectorial e/ou regional de grande parte destes estudos e o seu carácter pontual, limitativo da construção de um referencial nacional de perfis e de necessidades de formação, passível de sustentar intervenções orientadas e antecipativas do sistema de formação. (INOFOR, 2000)

Considera-se, por outro lado, que educação e formação tenderão a fundir-se no percurso único de desenvolvimento pessoal, profissional e social de cada indivíduo, fazendo parte do seu projecto de vida.

Cerca de 64,2 por cento da população activa, segundo dados do INE de 2000, não possuíam a escolaridade básica de nove anos. O Sistema RVCC, apresentado na rubrica *Outros Programas*, por José Alberto Leitão, da Direcção-Geral de Formação Vocacional, dá a oportu-

nidade a todas as pessoas adultas maiores de 18 anos para já sem a escolaridade básica de nove anos, de verem reconhecidos, validados e certificados os conhecimentos e as competências adquiridos através de aprendizagens que decorrem de experiências de vida e profissionais. Este novo serviço concretiza-se numa rede de Centros RVCC que será constituída por 84 centros no horizonte de 2006.

Num início de século marcado por profundas mudanças no campo do emprego a importância da formação não pode ser vista só à luz de processos individuais, embora estes sejam só por si muito importantes, como refere Alberto de Melo na entrevista que concedeu ao *Pessoas e Lugares*, porque a educação de adultos é tanto mais eficaz, quando consegue também ter como sujeito de aprendizagem algo que una o colectivo.

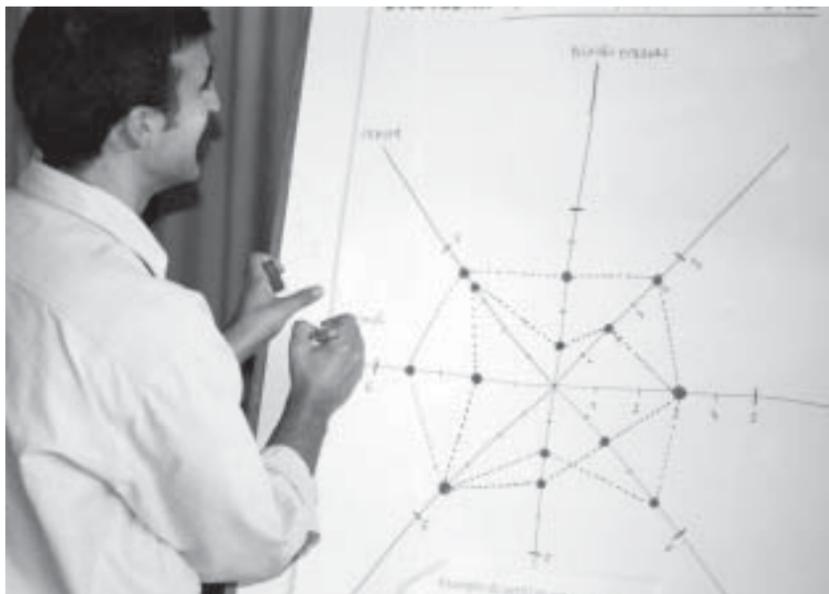
O Programa LEADER apoiou desde o seu início a componente de qualificação e mesmo se estas acções tiveram pouca expressão do ponto de vista financeiro, elas alcançaram um efeito didáctico significativo, como realça Maria do Rosário Serafim, do IDRHa. No LEADER+ procura-se dar respostas às necessidades específicas de formação em meio rural, flexibilizando requisitos e procedimentos nos projectos de formação.

O Projecto de Formação Turística na Região do Pinhal apresentado pela ADIBER ilustra esta preocupação de qualificação de diferentes intervenientes na fileira turística, envolvendo uma parceria muito alargada e representativa de actores.

O Projecto JEMA – Jovens Empresárias Movimentam-se para o Auto-Emprego é um projecto promovido pela ADRIMAG e uma rede de parceiros no quadro da iniciativa EQUAL que coloca o acento na criação e apoio a iniciativas empresariais que integra também uma dimensão formativa, num projecto dirigido a jovens mulheres.

Na rubrica *Territórios* fala-se neste número da ADERES cuja zona de intervenção é constituída por 18 freguesias dos concelhos da Covilhã e Fundão - um pequeno território com fraca densidade de população, mas com fortes potencialidades que podem ser aqui ilustradas pela inovadora iniciativa da Quinta da Caravela, uma unidade de produção e transformação de produtos biológicos apoiada pela ADERES no quadro do programa LEADER+, onde se produz chouriço de soja e manteiga de amêndoa, em prol de uma diversificação da oferta de produtos e de uma maior segurança alimentar.

Cristina Cavaco



Maria do Rosário Aranha / INDE

Trabalho em rede e formação são estratégicos no LEADER+

A renovação das zonas rurais e a exigência de competitividade aponta para a importância da qualificação das comunidades rurais e para uma progressiva aquisição de competências. No LEADER II, apesar do reduzido valor percentual da medida da formação, muitas das suas actividades alcançaram um efeito didáctico significativo. No LEADER+ a formação mantém-se como uma área dos PDL procurando continuar a dar resposta às necessidades específicas de formação em meio rural.

A Iniciativa Comunitária LEADER+ faz parte de uma nova geração de políticas direccionadas para o desenvolvimento endógeno dos territórios rurais, tornando-os espaços dotados de um forte capital humano e de recursos estrategicamente direccionados para a inovação e qualidade. Nesta nova geração de políticas, o trabalho em rede torna-se um valor estratégico fundamental para a operacionalização de alguns dos objectivos dos Planos de Desenvolvimento Local (PDL), em curso nos territórios LEADER+, podendo proporcionar um forte impulso à competitividade local e viabilizando projectos comuns através de uma maior abertura dos agentes locais para o desenvolvimento de novas ideias e partilha de saberes.

No desenvolvimento local em meio rural é fundamental o trabalho em rede pois, além de permitir desenvolver uma série de contactos e de novas articulações entre Grupos de Acção Local (GAL), permite igualmente intensificar e fortalecer a capacidade organizacional e empreendedora dos actores locais, possibilitando uma maior troca de informações ou serviços que, de uma forma informal, estimulam uma aprendizagem interactiva e dinâmica de todos os que nela participam.

Assim, no Programa LEADER+, o Vector 3 - Colocação em rede é um instrumento fundamental para suscitar novas dinâmicas no mundo rural, sendo relevante que, quanto maior for a interacção entre agentes e actores locais, nacionais e internacionais, menor será o isolamento e a insegurança de muitos dos promotores de projectos LEADER+. O seu efeito demonstrativo é, também ele, um elemento formativo demasiado importante para não se deixar de pensar nele enquanto prática de difusão da inovação que se pode multiplicar e ampliar, com benefícios visíveis para as dinâmicas sociais locais. Importa sublinhar que, mais do que a troca de informações e experiências, é vital para o mundo rural a criação de redes estruturadas que possibilitem a afirmação e a promoção de territórios num espaço mais alargado, com uma estratégia comum. Desta cooperação, deverão resultar sinergias que se traduzam em projectos eficazes que influenciem, favoravelmente a criação ou transformação de algumas das estruturas do mundo rural.

Ao pensar-se na triangulação entre os PDL desenvolvidos pelos GAL, as necessidades de cooperação decorrentes da sua actividade em rede e a exigência de conhecimentos específicos em domínios variados, facilmente percebemos que as acções a desenvolver no âmbito da Rede Portuguesa LEADER+ não se podem resumir a um somatório de iniciativas e de eventos diversificados e fragmentados, sob o risco de se alcançar um efeito nulo nas mudanças que pretendemos atingir. Dado os seus objectivos, devem antes ser espaços facilitadores de um progressivo envolvimento, autoformação, aquisição de competências e reforço de capacidades de todos quantos participam nessas actividades, por forma a que cada um vá podendo ousar acrescentar algo de novo à realidade em que vive e trabalha porque, tal como afirma Lídia Jorge, "quem é apenas filho do seu tempo, não o enriquece". (In Revista Visão, n.º 535, de 03.06.05, p. 168)

O valor estratégico da formação

A emergência de uma maior capacidade empresarial, a difusão de inovações adequadas às particularidades do local e uma maior ampliação de uma cultura em rede e de partilha de conhecimentos são alguns dos desafios fundamentais do Programa LEADER+. Importa porém salientar que estes desafios não podem ser alcançados sem um antecedente e fundamental desafio: a qualificação do capital humano.



A renovação das zonas rurais e a exigência de competitividade aponta para a importância da qualificação das comunidades rurais e para uma progressiva aquisição de competências, eixos estratégicos fundamentais do Programa LEADER+. Com efeito, as actividades propostas pela Rede Portuguesa LEADER+ obedecem ao pressuposto de que a um intenso trabalho em rede e cooperação deverá corresponder uma maior responsabilização social pela gestão local do desenvolvimento, dando abertura para que se ultrapassem alguns dos obstáculos e condicionalismos que impedem o desabrochar de novas iniciativas locais.

Desde o seu início que o Programa LEADER tem apoiado acções de formação a desenvolver pelos GAL. Apesar do reduzido valor percentual da medida da formação no plano financeiro do LEADER II, muitas das suas actividades alcançaram um efeito didáctico significativo, que se traduziu num maior reconhecimento e posterior certificação da formação pelo INOFOR - Instituto para a Inovação na Formação. De facto, as modalidades de formação foram múltiplas, deixando em aberto a possibilidade de inovação e de adequação a particularidades locais. Assim, por exemplo, a formação de animadores, direccionada para a animação sociocultural, tendo sido uma componente essencial no LEADER II, contribuiu para a realização posterior de actividades diversas, desenvolvidas sobretudo no campo do turismo activo e de novas actividades no mundo rural. No campo da formação e do trabalho em rede interessa pois reverter todo o saber social em conhecimento válido, fonte de desenvolvimento e mudança social.

No LEADER+ a formação mantém-se como uma área dos PDL, integrada na Medida 2 Acções Imateriais, Submedida 2.1 Formação Profissional, financiada pelo FEOGA, procurando continuar a dar resposta às necessidades específicas de formação em meio rural, a proporcionar uma maior flexibilidade ao nível dos requisitos para projectos de formação e a ultrapassar alguns dos condicionalismos provocados pelas regras específicas do FSE.

Maria do Rosário Serafim
IDRHa

Entrevista a Alberto Melo

O direito e o dever de saber mais

É rosto da Educação de Adultos em Portugal, voz da ANIMAR, marco estrutural da Associação In Loco e docente da Universidade do Algarve. Foi, antes de mais e sobretudo, o mentor do Grupo de Missão para a Educação e Formação de Adultos que gerou a inovadora e recém-extinta ANEFA - Agência Nacional de Educação e Formação de Adultos. Alberto Melo é um lutador esclarecido. A luta em nome do direito à educação e ao desenvolvimento fazem parte do seu horizonte desde antes do 25 Abril. Nesta entrevista ao Pessoas e Lugares, Alberto Melo liga os dois ingredientes de uma ideologia que dá pelo nome de **democracia participativa e cidadã**.

Quais são do seu ponto de vista os principais desafios para que os processos de desenvolvimento criem verdadeiras dinâmicas locais ?

A principal condição é que as populações locais, os actores locais se apropriem desses processos, considerem que são deles, lhes dizem respeito e, portanto, se envolvam neles consoante a sua natureza, as suas características, com mais ou menos intensidade. Tem que haver, efectivamente, esse envolvimento real por parte das populações locais. É fundamental para já a presença de uma ou mais organizações com raízes nos territórios e nas populações. Uma entidade que não traga um "pronto-a-vestir" para distribuir temerosamente pelas populações, mas que inicie projectos com uma concepção já partilhada e participada, chamando também os animadores naturais, os líderes dos territórios para um diagnóstico dos problemas, dos trunfos, das capacidades que existem na população e nos territórios. Este processo deve, desde do início, ter pistas e plataformas para este tipo de participação, primeiro de carácter mais espontânea, mas que se vai estruturar à medida que estes processos vão avançando no tempo. Assim surgirão possibilidades por um lado, de constituir as chamadas parcerias territoriais de desenvolvimento, em que devem estar representados os grandes sectores do território, desde a administração pública, central, desconcentrada e local, onde devem estar os actores de economia de mercado aberto, onde devem estar, sem duvida, os actores do terceiro sector, da economia social ou das organizações cívicas, solidárias e também, na medida do possível, alguns representantes da comunidade, pessoas, que se têm distinguido, ao longo dos anos, pelas suas iniciativas, pela sua liderança até natural. Este tipo de parcerias para serem funcionais devem ter uma composição bastante alargada, representando quase até à exaustão as comunidades. Essa grande assembleia territorial poderá reunir uma ou duas vezes ao ano, mas depois é fundamental haver uma equipa técnica, que anima, mobiliza e que retira a legitimidade dessa assembleia de território. Uma parceria alargada deixa de ser funcional se tiver muita gente e para que toda a gente possa dar o seu ponto de vista e contribuir de forma efectiva, é importante pensarmos em grupos de trabalho mais temáticos sobre aqueles eixos de desenvolvimento que foram previamente definidos. Portanto, a possibilidade de termos um grupo que diz respeito ao mundo rural, à transformação de certos produtos locais, ao turismo rural ou à participação dos jovens nos processos de desenvolvimento. Não há receitas gerais e cada território terá que encontrar os seus grandes eixos, constituir essas equipas de trabalho sempre num processo aberto.

Qual é a importância da formação nos processos de desenvolvimento local?

É essencial. Os processos de desenvolvimento local sustentáveis têm que se apoiar na população local. Nos territórios mais desfavorecidos e, muitas vezes até, apáticos ou estáticos em termos de desenvolvimento, as populações têm pouca confiança em si mesmas, no futuro e na sua capacidade para contribuir



positivamente para o desenvolvimento local. Nesse sentido, a formação tem um papel fundamental, pelo menos a três níveis:

No ganho de confiança por parte da população - a população é envolvida através de grupos de trabalho, em que as equipas técnicas apresentam projectos e pedem opiniões, contributos, etc. Há aqui um aspecto de formação informal. As pessoas participam, ganhando a pouco e pouco confiança, até para se levantar numa sala e dar uma opinião e assim, de forma mais estruturada, contribuir para este tipo de processos. Quando se definem projectos para a valorização de um determinado recurso, para a criação de emprego ou de novas actividades no território, diagnosticam-se logo algumas lacunas a nível da capacidade técnica para os pôr de pé, especialmente quando não se quer importar essa capacidade técnica de fora, para, fundamentalmente, valorizar os recursos humanos. Aumentar o nível de conhecimentos e competências da população local passa necessariamente por processos de formação para quem teve uma ideia e a queira transformar em projecto ganhe a capacitação e as competências necessárias. Estes sistemas de formação definem-se à medida que o processo geral de desenvolvimento local vai fazendo emergir projectos concretos. Os programas que exigem à partida uma definição exaustiva da formação que se vai fazer, dos públicos-alvo, dos formadores e dos conteúdos, constituem esquemas

completamente desajustados numa perspectiva de desenvolvimento local. A formação vai sendo criada à medida que os projectos vão emergindo e tem que ser formatada também muito em cima do momento.

A nível dos próprios agentes, técnicos da intervenção. Além da formação que se recebe na prática e no simples facto de participar nestas comunidades de intervenção, a formação é fundamental para dar uma melhor capacidade técnica aos agentes. Apesar de haver e de serem bem-vindas formações de tipo inicial, que dêem uma base para o agente de intervenção local, as formações contínuas são fundamentais. Definem-se e organizam-se em determinados momentos do processo, pretendendo dar resposta a problemas concretos que se vão levantando aos próprios agentes no decorrer da intervenção. É a formação em alternância que parte do conjunto de problemas, de incertezas, de dúvidas que o agente de intervenção vai acumulando ao longo do seu trabalho. Eles próprios devem estar sensibilizados, instruídos e registar todos os tipos de problemas, dúvidas, etc., porque serão a base fundamental para uma engenharia pedagógica da formação em serviço.

A nível da formação dos próprios técnicos das várias entidades públicas e privadas que colaboram na parceria, para sensibilizar à realidade territorial, às características específicas dos processos de desenvolvimento local e para criar laços de maior compreensão e interesse mútuo entre pessoas que vêm de quadrantes muito distintos. Já se tem verificado que o simples facto de o técnico do Emprego, da Segurança Social, da Câmara Municipal, da ADL e, eventualmente, de uma outra empresa, entrarem numa mesma equipa de formação que partilha uma série de momentos de questionamento e de reflexão, facilita bastante a cooperação posterior entre estas pessoas. As parcerias podem ser entre entidades, mas o interrelacionamento é sempre entre pessoas.

Qual é o papel dos agentes de intervenção local nos processos de formação?

Devem ter um papel fundamental quando associados ao DL. Convidar de forma abstracta formadores a participar em processos de formação dentro de um projecto ou de um processo de DL, será sempre algo de pouco eficaz, se não houver, preliminarmente, uma ligação forte e reuniões de concepção entre os agentes locais e os formadores externos. O formador vem dar matérias e conteúdos que sabe dar, mas a contextualização desses conhecimentos e saberes especializados é fundamental para poder ser eficaz dentro de um processo de DL. A "encomenda" deverá vir dos agentes locais que deverão ter, em conjunto com a população, sabido identificar as lacunas de formação. Essa encomenda deverá ser feita a partir do próprio processo de DL. Para colmatar essas lacunas, poder-se-ão chamar formadores de diferentes quadrantes, tanto os que têm contributos de ordem mais teórica ou metodológica como outros que terão conteúdos mais técnicos e de aplicação imediata. Refira-se também a importância dos processos de experimentação-formação ou investigação-experimentação-formação. Identifica-se um determinado tipo de problema, como por exemplo um produto local que é abundante, mas que até hoje não foi ou não está a ser explorado da forma mais satisfatória. Possivelmente não terá grande eficácia chamar imediatamente o perito daquele produto ou daquele processo para fazer uma formação em sala aos produtores. É muito importante começar por uma investigação participada, tentando fazer o balanço da maneira como esse produto está, eventualmente, a ser já processado; com que resultados, com que falhanços, etc. Depois criar-se a possibilidade de experimentação de processos mais inovadores. Fazer essa experimentação paralelamente num centro de investigação, que pode ser uma universidade ou uma empresa mais avançada nesse domínio, e na casa ou na oficina de alguns dos produtores mais interessados na modernização. Tudo isso pode passar por uma fase de investigação aplicada, juntando alguns investigadores,

agentes e actores, de tipificação de certos processos e de arranque de algumas acções de formação para aqueles que não participaram na primeira fase. É uma formação que, de certo modo, não cai do céu. Nasceu e é já um produto de um determinado processo partilhado de investigação e de experimentação.

Poder-se-ia dizer que no percurso de Alberto Melo, a Educação de Adultos e o Desenvolvimento Local e Sustentável são dois cavalos de batalha da mesma luta?

Não são só dois cavalos de batalha da mesma luta. São o mesmo cavalo. Pode é ser visto de um lado ou do outro, do lado esquerdo ou do lado direito. A educação de adultos bem concebida e o desenvolvimento local visto de uma forma mais correcta e mais eficaz, têm que ser as duas faces de uma mesma moeda. A educação de adultos deve estar ligada, dentro de uma metodologia ou de uma pedagogia de projecto, a algo que mobilize as pessoas, os participantes e que lhes dê a perceber o porquê de deverem e quererem aprender mais. Porque o vão aplicar para melhorar a vida pessoal, familiar, social, profissional, mas também na perspectiva de aplicarem esses novos saberes, novas competências num projecto colectivo, num projecto comum que una o próprio grupo em formação e educação. É muito importante não se pensar puramente no aprendente ou no formando de um ponto de vista individual. A educação de adultos é tanto mais eficaz, quando consegue também ter como sujeito de aprendizagem algo que una o colectivo. Por vezes, consegue-se que seja um processo quase permanente de melhoria da comunidade, como no próprio desenvolvimento local. Muitas vezes, há que ligá-los nem que seja num projecto temporário. Pode ser a organização de um evento, de uma exposição sobre a comunidade, pode ser a recolha, levantamento e a possível publicação ou vídeo sobre a história local, pode ser um tema agregador que, na medida do possível, deve ser de interesse para o desenvolvimento local e para um processo sem fim e sem prazo. Isso é bastante importante e fundamental para que esta educação de adultos seja eficaz, sustentável, fique na memória e marque os diferentes participantes. Por outro lado, um desenvolvimento local sem esta dimensão educativa seria algo de puramente tecnocrático ou uma aplicação de medidas, em que as populações seriam destinatários, na melhor das hipóteses, beneficiários, mas nunca seriam participantes. Para o serem têm que estar integrados em processos e projectos de dimensão educativa e formativa.

A luta é contra quem ou contra o quê?

A luta é contra a apatia, a inércia, o derrotismo, o fatalismo. Nós temos o direito e o dever, como pessoas e como cidadãos, de procurar melhorar as nossas diferentes comunidades, de procurar melhorarmos a nós próprios. Faz-se, fundamentalmente, tentando melhorar os que nos rodeiam, aquilo que nos rodeia, desde os ambientes urbanos e rurais às situações de injustiças e desigualdades da nossa sociedade, contra o pouco ou mau aproveitamento dos recursos existentes, ... Há que encontrar soluções para uma sociedade que saiba melhor dar resposta aos problemas do dia-a-dia e que saiba até antecipar novos problemas. Nesse sentido, é uma luta contra o fatalismo, contra a ignorância, contra algumas tentações de arrogância, de dominação, de prepotência, de ditadura por parte de certas forças económicas, sociais e políticas. Essas tendências existem. A democracia não se conquista de um dia para sempre. A democracia, uma sociedade mais justa, mais equilibrada, mais participativa, mais democrática é uma luta de todos os dias. A educação de adultos e o desenvolvimento local, estas duas vertentes da mesma realidade, fazem parte desta luta permanente por uma sociedade mais democrática, mais participada, mais informada, mais criativa, mais aberta.

Entrevista de Maria do Rosário Aranha

Formação Turística na Região do Pinhal

Considerando de muito relevante a importância do sector turístico para a dinamização e desenvolvimento da Região do Pinhal Interior e dada a existência de algumas lacunas e deficiências a este nível, as ADL do Pinhal Interior em articulação com os outros parceiros da região, decidiram investir na qualificação dos serviços prestados por todos os agentes que de alguma forma exercem influência sobre esta actividade, apresentando um conjunto de propostas de formação, no sentido de construir uma imagem da Região do Pinhal Interior como destino turístico de qualidade. A necessidade de elaboração deste Plano de Formação surgiu do trabalho de articulação existente entre a coordenação da Acção Integrada de Base Territorial do Pinhal Interior (AIBT-PI), as ADL do Pinhal Interior e as Regiões de Turismo com responsabilidades neste território. Assim, são actuais parceiras neste projecto a CCRC, as associações ADIBER, DUECEIRA, Pinhais do Zêzere, Pinhal Maior, Pinus Verde, Terras de Sicó, as Regiões de Turismo do Centro e dos Templários, as Câmaras Municipais do Pinhal Interior Norte e Sul, unidades de alojamento e empresas de animação turística do Pinhal Interior.

Na elaboração deste trabalho foi tida em consideração a importância da integração e complementaridade das acções de formação, a realizar com toda a intervenção que vem sendo efectuada não só no âmbito da AIBT-PI, nas suas componentes FEDER e FEOGA-O, mas igualmente ao nível dos outros Programas que estão em execução nos vários territórios, designadamente, os programas LEADER+ e AGRIS.

A apresentação pública do Plano de Formação para a Vertente Turística da Região do Pinhal Interior - a submeter ao Programa Operacional do Centro - e assinatura do Protocolo de Cooperação entre as ADL do Pinhal Interior e as Regiões de Turismo para a implementação do Projecto, aconteceu no passado dia 21 de Maio, no Espaço Museu da Vila Romana do Rabaçal.

Na sessão estiveram presentes cerca de 70 pessoas, entre representantes das câmaras municipais da região, Regiões de Turismo, empresários ligados ao sector turístico, o presidente e o coordenador da ADIBER - Associação de Desenvolvimento de Góis e da Beira Serra - entidade promotora da candidatura e executora do Plano de Formação.

Este Plano de Formação - através do qual se pretende uma multiplicação dos seus resultados e impacto nos diferentes territórios - será iniciado em 1 de Julho de 2003 e as acções nele previstas serão implementadas até ao final de 2005.

Com a sua elaboração pretende-se intervir ao nível de diferentes grupos-alvo, pelo que é proposta a realização de três cursos distintos:

- Curso de Atendimento e Informação Turística
- Curso de Animadores da Rede de Aldeias
- Curso de Animadores e Monitores de Desporto Aventura

Na medida em que as acções propostas se destinam a activos que estão a desempenhar funções, em entidades públicas ou privadas, a selecção e recrutamento dos formandos será efectuada em estreita ligação com essas mesmas entidades. Estas deverão indicar os nomes das pessoas que actuam directamente com os visitantes da Região do Pinhal Interior, não descurando uma perspectiva de manutenção e continuidade dessas mesmas pessoas nos referidos postos de trabalho, multiplicando-se o impacto da formação junto dos agentes locais.

Relativamente ao curso de Animadores da Rede de Aldeias, os formandos serão seleccionados a partir de nomes indicados pelas Câmaras Municipais e ADL ou outras Instituições com reconhecido trabalho no terreno, devendo considerar-se o adequado perfil das pessoas face aos objectivos que se pretendem alcançar.

No curso de Animadores e Monitores de Desporto Aventura, a selecção de formandos será efectuada junto das Empresas de Animação Turística da Região do Pinhal Interior, que disponibilizarão os seus funcionários e colaboradores, comprometendo-se ao mesmo tempo a utilizar os seus serviços no desenvolvimento das suas actividades, de acordo com o que já foi de alguma forma expresso no inquérito anteriormente elaborado. Em todos os casos será dada preferência de frequência das diversas acções às pessoas que residam na Região do Pinhal Interior ou aqui exerçam a sua actividade principal, de forma a promover a valorização dos recursos humanos aqui instalados.

Texto da ADIBER adaptado pela Redacção

Uma história de Vida...



A ADRUSE - Associação de Desenvolvimento Rural da Serra da Estrela, entidade formadora desde 1995, tem sido uma das associações com maior índice de formação profissional. Ao todo mais de 1 100 formandos frequentaram acções de formação profissional agrária, no âmbito do programa Escolas-Oficina e, mais recentemente, cursos de Educação e Formação de Adultos (Cursos EFA) que proporcionam a obtenção da escolaridade mínima obrigatória.

Através das acções de formação profissional, e da complementaridade das mesmas, a ADRUSE tem proporcionado mais formação/qualificação, melhorando as condições

de vida de uma população rural caracterizada por baixos níveis de escolaridade e de qualificação.

Natural de Ribamondego, concelho de Gouveia, Delfim Rodrigues de Jesus, 21 anos, é um bom exemplo. Aos 12 anos abandonou a escola, com apenas o 2º ano de escolaridade, dedicando toda a sua vida à agricultura e aos trabalhos "nas obras". Posteriormente, no ensino nocturno, conseguiu "fazer" o 4º ano, mas a sua "vida mudou a partir do dia em que fui à ADRUSE" e se inscreveu num curso de Educação e Formação de Adultos (Curso EFA), promovido pela ADRUSE, que valeu, não só pela equivalência ao 6º ano como, acima de tudo "por aquilo que aprendi e pelo convívio com os colegas".

Neste momento, Delfim de Jesus está a frequentar uma acção de formação de Operadores de Máquinas Agrícolas, onde tem aprendido a fazer coisas que não sabia fazer. "Apesar de toda a vida trabalhar na agricultura havia muita coisa que não sabia fazer". A partir de agora projectos não faltam e Delfim pensa já em frequentar o curso de Jovens Empresários Agrícolas "para conhecer novas pessoas e lutar com a vida p'rá frente".

ADRUSE

Formar para criar auto-emprego

Promovido pela ADRIMAG, em parceria com outras instituições da região, o projecto JEMA visa a promoção do empreendedorismo e apoio à criação de empresas tradicionais e inovadoras, nomeadamente através do desenvolvimento de acções de formação profissional dirigidas a jovens mulheres desempregadas e a artesãos da zona de intervenção.

O projecto JEMA – Jovens Empresárias Movimentam-se para o Auto-emprego é um projecto promovido pela ADRIMAG - Associação para o Desenvolvimento Rural Integrado das Serras de Montemuro, Gralheira e Arada, em parceria com outras instituições da região, nomeadamente, AECA - Associação Empresarial do Concelho de Arouca, ABBAA - Associação das Bordadeiras de Bainhas Abertas de Arouca, CEARTE - Centro de Formação Profissional do Artesanato, Liconsultores - Organização e Gestão de Empresas, Lda. e PCOMP – Programação de Computadores, Lda, e financiado pelo Programa EQUAL.

O projecto, que teve início em Setembro de 2002, terá a duração de dois anos e tem por objectivo o desenvolvimento económico e social da zona de intervenção da ADRIMAG, através da promoção do empreendedorismo e apoio à criação de empresas tradicionais e inovadoras, nomeadamente através do desenvolvimento de acções de formação profissional dirigidas a jovens mulheres desempregadas e a artesãos e da criação de um portal de venda e promoção do artesanato da região.

Como objectivos específicos, o projecto JEMA pretende dotar as jovens mulheres desempregadas de competências ao nível da criação do próprio emprego, prestar-lhes apoio técnico e institucional na elaboração de projectos de investimento e na criação de novas empresas e, no caso dos artesãos da zona de intervenção da ADRIMAG, elaborar um guia do artesanato da região (em formato digital e papel), contribuir para a criação de um portal de venda e promoção de artesanato e desenvolver competências de gestão, de marketing e de informática.

Com este projecto pretendem-se obter alguns resultados e produtos passíveis de disseminação e reprodução, entre os quais se destacam, a base de dados sobre o artesanato, o guia do artesanato, o portal de comercialização e promoção dos produtos (brevemente disponível em www.e-arte.org), o guia de boas práticas, relatórios de avaliação do projecto, criação de novas empresas e realização de acções de formação (Empreendedorismo e Criação de Novos Negócios; e-artesanato - Gestão e Comercialização de Produtos de Artesanato na Internet).

Parceria e actividades a desenvolver

Sendo um projecto financiado por uma iniciativa comunitária - Programa EQUAL, integrado na Prioridade 2 Espírito Empresarial, Medida 2.1 Facilitar a todos os interessados o acesso à criação de empresas, fornecendo os instrumentos necessários para criar empresas e para identificar e explorar novas oportunidades de emprego nas zonas rurais e urbanas, área de intervenção 2.2.1 Criação de Empresas e Desenvolvimento Local, o JEMA obedece a algumas características básicas e requisitos obrigatórios, nomeadamente, a constituição de parcerias de desenvolvimento com competências distintas, inovação e carácter experimental das acções, cooperação transnacional, disseminação dos resultados, princípio do *empowerment* e envolvimento das empresas.

Nesse sentido, foi constituída uma parceria transnacional que é composta por cinco entidades: CFA - Association de Gestion et développement du centre de formation d'Apprentis – Bourgogne/França; Pro-Gestion Partner - Centre National pour l'Aménagement des Structures des Exploitations Agricoles – Guadalupe/França; Promide@ruppo - Consorzio per la Promozione dello Sviluppo locale – Calabria/Itália; Solidarieta Consorzio Cooperativo Sociale A.R.L. – Sardenha/Itália; Black MBA Association – West England/Reino Unido.

Com esta parceria transnacional pretende-se desenvolver actividades que envolvam a troca de beneficiários e técnicos das instituições participantes no projecto, troca de experiências sobre a criação e gestão de

uma parceria transnacional bem como o estudo das barreiras à criação de empresas e estruturas de apoio à criação de empresas, divulgação das boas práticas em seminários e conferências e criação de um portal denominado "observatório".

Neste portal - que estará disponível on line no site www.eec-observatory.org, os parceiros poderão trocar informações e colocar questões sobre os seus projectos nacionais e ainda sobre o desenvolvimento do projecto transnacional, e todos os interessados poderão consultar informações sobre todas as entidades e regiões que participam no projecto, sobre a criação de empresas e os estudos que vão ser elaborados no âmbito das actividades de cooperação transnacional.

No âmbito deste projecto, a ADRIMAG foi seleccionada, pelo Gabinete de Gestão do EQUAL, para coordenar uma Rede Temática a nível nacional, animada por representantes do Gabinete de Gestão do EQUAL e pelo Prof. Alberto Melo da Universidade do Algarve, na área de intervenção "Desenvolvimento Local e Iniciativa Empresarial".

Partilhar conhecimentos e trocar experiências, gerar novas soluções, validar produtos e práticas desenvolvidas pelos participantes e contribuir para novas alianças estratégicas e novas parcerias, são os objectivos destas redes.

Composta por representantes de outras parcerias de desenvolvimento nacionais, com projectos na área de Criação de Empresas e Desenvolvimento Local, esta rede procurará abordar diversas questões, tais como, o papel das autarquias na criação de emprego e empresas, o acesso ao crédito, estruturas de apoio ao empreendedor, e metodologias de promoção de uma cultura de empreendedorismo.

O projecto JEMA encontra-se neste momento em fase de desenvolvimento e avaliação, chamada pelo EQUAL de acção 2, tendo passado por uma acção 1, etapa de concepção do projecto e constituição da parceria de desenvolvimento. Caso a avaliação seja positiva e os resultados obtidos consistentes, o projecto passará a uma acção 3, relativa a actividades de debate temático e de disseminação de produtos e práticas bem sucedidas.

Susana Martins
ADRIMAG



Sistema RVCC

Educação e formação de adultos

Dar a oportunidade a todos os adultos activos sem a escolaridade básica de verem reconhecidos, validados e certificados os conhecimentos e as competências adquiridas ao longo da vida é a missão do Sistema RVCC. Um serviço prestado por entidades públicas e privadas, devidamente acreditadas, que se concretiza numa rede de Centros RVCC distribuídos por todo o território nacional.

Em Portugal, a questão que hoje se coloca é a da qualificação da população activa. Os dados resultantes do Inquérito ao Emprego (fonte INE), de 2000, indicam que numa população activa de 4 892 000, cerca de três milhões não tinham a escolaridade básica de nove anos (hoje considerada escolaridade obrigatória), ou seja 64,2 % da população activa. É necessário referir que estes adultos, sobretudo os dos grupos etários mais elevados, embora não possuam formalmente níveis de instrução reconhecidos e validados, quer dizer certificados, possuem saberes e competências que adquiriram ao longo da sua vida pessoal, social e profissional.

A valorização e o investimento na qualificação das pessoas enquadra-se na política de reforço e prioridade dada pelo Estado a esta questão. Esta iniciativa não pode, contudo, circunscrever-se à intervenção desenvolvida no âmbito dos Ministérios da Educação e da Segurança Social e do Trabalho; deve ser uma mobilização conjunta de toda a sociedade, nomeadamente dos diferentes parceiros sociais.

Numa perspectiva de operacionalização das respostas que permitam a qualificação da população adulta estas devem integrar obrigatoriamente o reconhecimento, a validação e a certificação dos saberes e competências adquiridas pelos adultos na sua experiência de vida e de trabalho e/ou mesmo em múltiplas acções de formação não certificadas. O reconhecimento e a validação, a par das ofertas de formação mais formais e prolongadas no tempo, devem assegurar aos adultos a sua certificação para todos os efeitos legais: reconhecimento social, continuação de estudos e qualidade do emprego.

O grande desafio que se coloca é o de responder às solicitações de uma sociedade e economia cada vez mais globalizadas, baseadas na informação e no conhecimento, marcadas por um grau cada vez maior de imprevisibilidade. Neste novo contexto os processos de educação e formação devem centrar-se no sujeito que, ao apropriar-se do seu itinerário formativo, reflecte sobre as suas práticas e valoriza as aprendizagens adquiridas em diferentes tempos e situações de vida (formais, não formais e informais). Quer dizer que a educação e a formação de adultos tem que privilegiar o reconhecimento e validação dos conhecimentos e competências previamente adquiridos e o “aprender a aprender”, preparando o adulto para intervir em todas as dimensões da vida em sociedade: a família, o trabalho, a comunidade e o lazer.

A discussão sobre as novas competências que hoje são exigidas aos activos para que possam responder às mutações tecnológicas, bem como à organização e natureza do trabalho, passa pelas empresas, pelas instituições de educação e formação e pelos parceiros sociais. Podemos, então, identificar um conjunto de competências básicas ou críticas (ou segundo “competências transversais” ou “capacidades habilitantes”), permanentemente actualizáveis, que permitem a qualquer pessoa responder às necessidades do mundo real decorrentes das mudanças a que estamos a assistir e que anunciam a emergência de uma sociedade baseada na aprendizagem e na inovação: a comunicação oral e escrita, a utilização básica do cálculo e a resolução de problemas, o domínio das tecnologias da informação e da comunicação, o trabalho em equipa, o empreendedorismo e o reforço da autonomia.

Esta mudança de paradigma obriga a uma colaboração mais estreita entre a escola, os centros de formação e as empresas, entre os sistemas de educação e formação e os sistemas económico, científico e tecnológico.

Missão dos Centros RVCC

A questão central que hoje se coloca é precisamente a de como conceber e organizar os sistemas de educação e formação, sobretudo nas respostas que disponibilizam para os adultos, numa perspectiva de Aprendizagem ao Longo da Vida, para que permitam a construção de múltiplos itinerários que respondam, simultaneamente, à necessidade de reconhecer e validar aprendizagens adquiridas em diferentes tempos e contextos, à necessidade de preparar para o exercício de uma cidadania activa e aos novos e emergentes perfis profissionais exigidos por uma sociedade cada vez mais complexa e uma

economia mais competitiva, sem perder de vista a obrigação de manter a coesão social, característica distintiva do modelo social europeu.

No quadro das ofertas de educação e formação de adultos da iniciativa ou monitorizadas pela Direcção-Geral de Formação Vocacional (DGFV) - que herdou as atribuições e competências da ANEFA, de acordo com a nova orgânica do Ministério da Educação, aprovada em Outubro de 2002- o Sistema Nacional de Reconhecimento, Validação e Certificação de Competências (Sistema RVCC) dá oportunidade a todas as pessoas adultas, maiores de 18 anos para já sem a escolaridade básica de nove anos, de verem reconhecidos, validados e certificados os conhecimentos e as competências adquiridos através das aprendizagens que decorrem das experiências de vida e profissionais.

Este novo serviço – prestado por entidades públicas e privadas devidamente acreditadas – concretiza-se numa rede de Centros de Reconhecimento, Validação e Certificação (Centros RVCC) a qual será constituída por 84 Centros, criados gradualmente até 2006 por todo o território nacional.

A missão destes Centros é a certificação dos adultos, privilegiadamente dos activos, que não têm a escolaridade básica de nove anos. Entende-se que este serviço deve, no entanto, responder de forma adequada às necessidades, interesses e expectativas dos adultos. Deste modo, para além das actividades inerentes aos seus três eixos de intervenção: reconhecimento, validação e certificação de conhecimentos e competências tendo como quadro orientador o Referencial de Competências-Chave, os Centros RVCC cumprem outras funções, tais como, informação, orientação, acompanhamento, formações complementares, a provedoria (em relação aos outros sistemas de educação, formação e certificação profissional) e a animação local.

Cursos EFA

Uma outra oferta de formação proporcionada aos adultos maiores de 18 anos que não possuem a escolaridade básica de quatro, seis ou de nove anos, sem qualificação profissional, são os Cursos de Educação e Formação de Adultos (Cursos EFA).

Esta oferta formativa permite uma dupla certificação escolar e profissional, privilegiando soluções flexíveis, através de percursos organizados a partir de processos de reconhecimento e validação de conhecimentos e competências prévias, construídos de acordo com as necessidades e interesses dos formandos, a partir do Referencial de Competências-Chave e de um sistema modular de formação.

Estes cursos assentes num modelo de formação de temporalidade flexível, organizam-se em unidades de formação, articulando uma componente de formação de Base (FB) e uma componente de formação profissionalizante (FP), podendo assegurar, também, a realização de formação em contexto real de trabalho. De iniciativa de uma diversidade de entidades públicas e privadas, devidamente acreditadas, pode também ser co-financiada no âmbito do actual Quadro Comunitário de Apoio.

No centro desta mudança encontra-se, de facto, a concepção e a adopção do Referencial de Competências-Chave que fez descolar a educação e formação de adultos do modelo escolar, baseado na aquisição de conhecimentos compartimentados em disciplinas em que os programas se organizam pela acumulação de conteúdos. O novo modelo centra-se em competências a adquirir ou reforçar de acordo com os Temas de Vida mais significativos para cada grupo em formação, em função dos desempenhos exigidos a cada adulto no seu quotidiano (níveis de literacia).

José Alberto Leitão
Direcção-Geral de Formação Vocacional



Estrela-Sul

Textos de João Limão e Paula Matos dos Santos

Um pequeno território de relevo acidentado e escasso de população, a Estrela-Sul tem, na qualidade dos recursos naturais e paisagísticos, património histórico e arquitectónico, produtos agro-pecuários de tradição e posição geográfica privilegiada; um conjunto de potencialidades de desenvolvimento que a ADERES pretende promover.

Constituída por 18 freguesias dos concelhos da Covilhã (12) e Fundão (seis), a Zona de Intervenção (ZI) da ADERES – Associação de Desenvolvimento Rural Estrela-Sul ocupa uma área de 431 km². Um pequeno território, bastante acidentado, com desníveis desde os 300 aos 1 759 metros de altitude, delimitado pelos planaltos montanhosos da Torre e Penhas da Saúde, na Serra da Estrela, e pelas serras de Moradal, Açor e Gardunha, que compreende o Couto Mineiro da Panasqueira e apanha uma zona poente de pinhal.

Dois concelhos separados por um acidente geográfico dominante – rio Zêzere – na chamada Cova da Beira, que determina a Nomenclatura das Unidades Territoriais para fins Estatísticos, na qual o território ADERES se inclui (sub-região da Cova da Beira), e que está enquadrada na Comissão de Coordenação da Região Centro (CCRC).

À imagem do que acontece noutras zonas do interior do país, a Cova da Beira é uma área pouco densa, com 36,6 habitantes por km², onde se vem a assistir a um progressivo esvaziamento da população, com principal incidência nas décadas de 60 e 80. De acordo com José Armando Serra dos Reis, coordenador da ADERES, a “fixação de pessoas é um dos maiores problemas que o território enfrenta”.

Uma tendência que se repercute no território Estrela-Sul da ADERES, que apresenta um efectivo populacional de 13 068 habitantes,

correspondentes a uma densidade de 30,3 habitantes por km². O povoamento assume uma estrutura dispersa e marcadamente rural, com 63 por cento da população a residir em pequenas aldeias. Os aglomerados populacionais mais densos restringem-se às sedes dos municípios como Fundão e Covilhã (98,1 hab/km²).

A tendência geral do território é para uma contínua perda de população, que se fez sentir em 16 das 18 freguesias do território. Cortes do Meio e Paul são as duas únicas excepções, tendo registado um ligeiro aumento de população. O carácter excepcional de Cortes do Meio assenta no benefício de estratégias de desenvolvimento aplicadas no terreno, através da criação de infra-estruturas, enquanto o Paúl beneficia da riqueza agrícola e de algumas unidades industriais, especialmente na área do vestuário. Se o carácter de excepção destas duas freguesias é indicador de potencialidades de inversão na tendência de abandono do território, o processo de envelhecimento da população parece mais difícil de travar. De acordo com dados da ADERES, estima-se que 15 por cento da população tenha mais de 64 anos, enquanto apenas 23 por cento se encontra abaixo dos 24 anos. Números que são reflexo do aumento da esperança de vida e da redução da taxa de natalidade (7,71 por cento).

A nível económico, a estrutura da região assenta nos sectores primário e secundário, sendo que a agricultura e indústria têxtil surgem como principais actividades. A indústria assume uma estrutura tradicional, em que o sector têxtil, através dos lanifícios e confecções, é dominante em várias freguesias como Unhais, Paul, ou Ourondo. Além disso, a região conta com sectores de produção alternativos, e em crescimento, como a construção civil, ou pequenas indústrias de mármore, granitos e xistos. Ao nível da agricultura, o perfil acidentado da área traduz-se na predominância de terrenos incultos e florestais (53,9 por cento), existindo apenas 36,5 por cento de terrenos com aptidões agrícolas. Os terrenos são xistosos, com aparecimento de graníticos em pequenos retalhos. A morfologia da região determina ainda a predominância de explorações agrícolas de dimensões reduzidas (48,6 por cento das explorações da Região Centro têm menos de 0,5 hectares), quase sempre organizadas

numa lógica de exploração familiar e como actividade complementar. A produção agrícola apresenta uma especialização nas culturas forrageiras e de cereais para grão, tendo na oliveira uma cultura permanente, enquanto a pecuária apresenta um baixo nível de encabeçamento e é constituída principalmente por ovinos e caprinos.

Contudo, o sector agro-pecuário enfrenta um decréscimo no número de explorações. Entre 1989 e 1995, a Beira Interior viu desaparecer 24 por cento das explorações agrícolas. Mas, o maior problema reside no afastamento dos jovens. Por isso, José Armando Serra dos Reis defende uma “política de incentivos” para jovens agricultores, por forma a contrariar esta tendência. É que na perspectiva do coordenador da ADERES, “sem uma agricultura que se mantenha, nunca teremos zonas rurais desenvolvidas”.

Resultado destas características da estrutura económica, em comparação com as médias nacionais, o desempenho económico e o grau de terciarização da ZI são insuficientes. Uma tendência comum à região. O PIB (Produto Interno Bruto) gerado na região da AMCB (Associação de Municípios da Cova da Beira) corresponde a 2 por cento do total nacional, e o produto *per capita* e o poder de compra são muito inferiores à média nacional. Não obstante estes baixos índices indicadores de fragilidade económica, o desemprego não tem manifestado grande incidência no território. Em 1996, a taxa de desemprego da população activa situava-se nos 3,5 por cento, em contraste com os 6,7 por cento do resto do continente.

Oportunidades de desenvolvimento

Apesar da situação desfavorável em relação à média nacional que certos indicadores evidenciam, o “Diagnóstico Prospectivo da Região Centro”, elaborado pela Comissão de Coordenação da Região Centro (CCRC), assinala várias oportunidades de desenvolvimento aplicáveis ao território da Estrela-Sul. Qualidade dos recursos naturais (geológicos, hídricos, florestais e paisagísticos), posição geográfica, estrutura de povoamento favorável a processos difusos de industrialização, património histórico e arquitectónico, alguma inovação nas produções agrícolas, produtos agro-pecuários de tradição e qualidade, encontram-se entre as potencialidades enumeradas. Áreas que, alvo de incentivos adequados, podem constituir importantes segmentos de desenvolvimento.

O turismo, chamado a “potencialidade adormecida” surge como uma das mais evidentes. A Estrela-Sul é um território que tem na cultura

tradicional um dos principais focos de atracção. As Bandas Filarmónicas (existentes em mais de 50 por cento das freguesias da ZI), de que são exemplo a Casa do Povo de Paul e os Ranchos Folclóricos de Silvares e de Unhais, encontram-se entre o que de melhor se faz a este nível na região. Em paralelo, ressalta a especificidade das interpretações do Grupo de Cantares da Casa do Povo de Paul, ou a reconhecida qualidade de inúmeros grupos de bombos como Lavacolhos, Ourondo, Silvares ou Erada.

No domínio do artesanato, o linho assume o principal protagonismo, pelo reconhecimento que tem a nível nacional e internacional. A par desta tradição, assinalam-se a trapologia, as tasgas e outros objectos ligados à caprinicultura e outras práticas pecuárias, instrumentos musicais (bombos, caixas, pifaros), os bonecos de trapo de Sobral de S. Miguel, a cestaria de verga e palha de Ourondo, ou as miniaturas de casas de xisto, bem como leques e abanicos de palha.

A região apresenta potencialidades elevadas ao nível de produtos agro-pecuários de qualidade, dos quais sobressaem produtos certificados como a cereja e a maçã da Cova da Beira. Confirmações de uma aptidão frutícola que tem no pêssego e pêra outros exemplos de qualidade.

Estas potencialidades produtivas reflectem-se na riqueza gastronómica da região. Maranhos, broa de centeio e milho, broa de milho com recheio de carnes, enchidos, queijo fresco de cabra e ovelha, peixe frito das ribeiras, cabrito recheado, burelhões ou chanfana, são expoentes na arte de apaziguar o estômago. Um saber com potencialidades efectivas ao nível da colocação em mercados externos, mas também com um eficiente índice de atracção para os visitantes.

No capítulo da atractividade, o principal receio reside na descaracterização do perfil arquitectónico da região, com a emergência de construções recentes, com padrões desajustados das características da zona. Para contrariar este problema tem-se procurado fazer um exercício de conservação do património, com a valorização e recuperação das aldeias de xisto, de que é exemplo o Sobral de S. Miguel e, em paralelo, intervenções localizadas como o restauro de fachadas de granito e do traço arquitectónico, efectuado em Bogas.

Lagares de vinho, fornos comunitários, igrejas, capelas, calçadas típicas, pelourinhos, são outros elementos dos povoados da região, que reforçam as particularidades de um território, que tem no couto mineiro da Panasqueira um ponto de confluência de património na área da arqueologia industrial e de grande riqueza histórica. Das minas, que desempenharam um papel vital na economia da região, permanecem os vestígios da dimensão de empreendimentos que comportam estruturas mineiras, habitações, e espaços de recreio e desporto (sala de cinema, campo de ténis, rínque de hóquei em patins, piscinas), cuja reconversão pode ser um pólo dinamizador do turismo no território.

A par do património construído, a região beneficia também de recursos naturais e paisagísticos. A bacia hidrográfica do rio Zêzere marca todo o território, assinalando a paisagem com a presença de inúmeros recursos hídricos. Além deste rio, que atravessa longitudinalmente todo o território, encontram-se ainda algumas ribeiras como Cortes, Unhais da Serra, Paúl, Casegas, Porsim ou Bogas. Ainda no capítulo ambiental, o Parque Natural da Serra da Estrela, que engloba parte das freguesias de Erada, Cortes do Meio e Unhais, constitui-se como a entidade mais importante ao nível da preservação deste património. Uma integração que se tem constituído como uma mais-valia, promotora das potencialidades do território.



Paula Marcos dos Santos / INDE

PDL LEADER+ da ADERES

Reforçar componentes organizativas e competências

Com um investimento global de 3 573 726,00 euros, o Plano de Desenvolvimento Local (PDL) da ADERES aposta na promoção e reforço das componentes organizativas e das competências das zonas rurais. Este é o tema-forte do PDL LEADER+ Estrela-Sul. Todavia, não se trata de uma aposta nova mas de reafirmar os objectivos da associação, dando continuidade ao trabalho que já vem sendo feito desde 1994. Segundo o coordenador da associação, José Armando Serra dos Reis, este é, todavia, o momento "para dar o salto", quer ao nível dos produtos locais, das pequenas empresas, serviços, formação, qualificação, inovação, quer da própria associação. A instalação da ADERES num edifício próprio - que deverá acontecer ainda este Verão - será, certamente, um dos grandes momentos para a associação. Um projecto LEADER+ que para José Armando não se resume apenas "a mais um investimento em infra-estruturas", uma vez que ao promovê-lo o objectivo é, simultaneamente, criar um Centro de Apoio ao Desenvolvimento Rural dotado de condições infra-estruturais favoráveis à realização de acções de formação e culturais e ainda de uma Loja do Mundo Rural com produtos tradicionais do território Estrela-Sul. Para o coordenador da ADERES, este Centro atesta a aposta da associação no desenvolvimento rural, na criação de infra-estruturas e equipamentos mas, ao mesmo tempo, abre uma porta para o futuro que, na sua opinião, trará certamente algumas dificuldades às ADL.

E é desta postura de equilíbrio entre acções materiais e imateriais ao nível de cada uma das 18 freguesias que compõem a Zona de Intervenção que a ADERES chegou ao PDL LEADER+. Tendo em conta a parceria constituída e o trabalho feito no passado, "chegámos à conclusão que estas seriam as acções necessárias para complementar aquilo que já vinha detrás, do LEADER II e de outros programas. Um conjunto de acções que preferimos especificar, onde talvez seja mais difícil o encaixe de projectos embora, até ao momento, nos estejamos a dar bem", afirma José Armando.

E, a avaliar pelos números apresentados pela Associação, tal está efectivamente a acontecer. O LEADER+

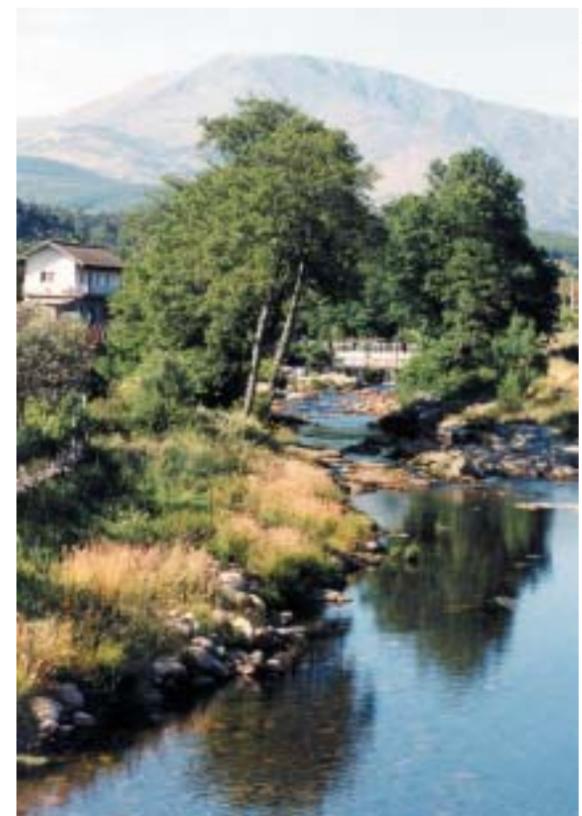
arrançou em Maio de 2002 e até ao final do ano a ADERES já tinha assinados 18 contratos de concessão de apoios financeiros, afectando 1 672 205,42 euros do investimento global do PDL LEADER+. Os promotores são juntas de freguesia (na maioria), mas também associações locais (de solidariedade social, culturais e desportivas), empresas privadas e, em muito menor número, pessoas singulares. Os investimentos distribuem-se por infra-estruturas e equipamentos desportivos e de lazer, conservação do património e criação e informatização de serviços de proximidade.

Ainda segundo dados da associação, até 31 Março 2003 deram entrada na ADERES 69 projectos, 33 dos quais foram aprovados, 11 reprovados e 25 encontram-se em análise. Optando não trabalhar com intenções de candidaturas (à excepção do período entre o fim do LEADER II e início do LEADER+), a ADERES definiu períodos para apresentação de candidaturas. Em 2002, tendo em conta o arranque do Programa, os promotores puderam fazê-lo entre Maio e Agosto mas já este ano e até 2006 esse período decorre durante o primeiro trimestre de cada ano.

Após a data de entrada de um projecto e caso não venham a verificar insuficiências no processo, o Conselho de Gestão da ADERES emitirá decisão de aprovação ou rejeição no prazo de 90 dias. Contudo, quando o projecto chega àquele órgão de gestão, controle e avaliação do PDL LEADER+ Estrela-Sul já leva o parecer técnico da Equipa Técnica LEADER+ (ETL). A ETL acompanha de perto todo o processo dos projectos; antes da sua aprovação, recebendo os promotores, dando-lhes orientações; depois, acompanhando no terreno a sua implementação. A Direcção pronuncia-se e os projectos são submetidos ao Conselho de Gestão onde têm assento um representante da Direcção da ADERES e mais seis representantes de outros tantos parceiros do GAL. Além disso, a ADERES ainda conta com um grupo mais alargado de parceiros (associados e não associados) a que chama Conselho Consultivo e que reúne esporadicamente (uma ou duas vezes por ano) com o objectivo de analisar o trabalho executado e reflectir acerca dos caminhos a seguir no futuro. "Uma espécie de colóquio para reflectir mais alto" sobre aquilo que a ADERES poderá continuar a

fazer para levar a bom porto a sua aposta no Desenvolvimento e na Valorização dos produtos e na melhoria da qualidade de vida das pessoas.

Além de procurar mobilizar e apoiar as dinâmicas do território e a iniciativa local, dinamizar a informatização rural, fomentar e promover o aproveitamento social e económico sustentado do quadro de oportunidades do potencial local, satisfazer necessidades de infra-estruturas sociais e de desenvolvimento local, proteger, valorizar e promover o aproveitamento do património natural, cultural, agrícola e ambiental; promover a coesão social e a qualidade de vida, o PDL LEADER+ Estrela-Sul pretende igualmente incrementar a cooperação intra e inter-territorial e transnacional, assinando-se neste capítulo um projecto com as associações ADRUSE e a ADISGATA (Espanha) para a promoção das Serras da Estrela e da Gata.



Paula Matos dos Santos / INDE

Plano de Desenvolvimento Local Medidas, submedidas e acções - resumo

Medida 1 Investimentos

Submedida 1.1 Investimentos em infra-estruturas

Acção 1.1.1 Infra-estruturas de apoio ao Desenvolvimento Local

Criar condições infra-estruturais à instalação e funcionamento de serviços de apoio ao desenvolvimento local.

Acção 1.1.2 Infra-estruturas sociais, cívicas, culturais e desportivas

Facultar novas e melhoradas instalações e equipamentos colectivos às comunidades rurais do território Estrela-Sul.

Submedida 1.2 Apoio às actividades produtivas

Acção 1.2.1 Incremento da produção, inovação e qualidade dos produtos locais

Elevar o volume e a qualidade dos produtos locais. Consolidar a situação empresarial e económica dos pequenos produtores locais. Integrar o mercado electrónico.

Acção 1.2.2 Apoio à modernização e organização das PME's

Apoiar a modernização tecnológica, a informatização, a organização e métodos de gestão das micro-empresas.

Acção 1.2.3 Criação de serviços de proximidade e empresas de inserção

Aproximar as populações de serviços que contribuam para a melhoria das condições de vida em meio rural. Fixar as populações. Reforçar iniciativas de impacto social com viabilidade económica e que demonstrem auto-sustentabilidade.

Acção 1.2.4 Estimulo à comercialização dos produtos locais

Estruturar de forma sustentada os circuitos de comercialização para facilitar o acesso aos mercados dos produtos e serviços locais.

Acção 1.2.5 Turismo ambiental, alojamento, gastronomia e animação em espaço rural

Aproveitar o quadro de condições favoráveis para corporizar iniciativas de aproveitamento turístico das amenidades ambientais, naturais, geológicas e paisagísticas do território Estrela-Sul.

Acção 1.2.6 Iniciativas de NTIC, informatização das empresas e economia electrónica

Promover a alfabetização informática. Desenvolver a informatização rural. Aproximar a economia electrónica do mundo rural.

Submedida 1.3 Outras acções materiais

Acção 1.3.1 Ordenamento de espaços florestais para fins lúdicos e pedagógicos

Promover e valorizar o aproveitamento do potencial agro-florestal e dos recursos naturais, proporcionando às populações locais espaços lúdicos e pedagógicos.

Acção 1.3.2 Requalificação dos espaços públicos das áreas centrais das aldeias

Devolver aos núcleos históricos das aldeias o protagonismo social e cultural que tiveram no passado e torná-los palco de animação social e turística.

Acção 1.3.3 Recuperação e aproveitamento de construções rurais de traça tradicional

Ordenar espaços e recuperar construções rurais emblemáticas do território e susceptíveis de alargar o leque de oportunidades turísticas.

Acção 1.3.4 Criação de espaços museológicos de temática rural

Reunir, classificar, caracterizar e conservar objectos etnográficos do território, com o objectivo de preservar a memória e alargar o leque dos atractivos turísticos do território.

Acção 1.3.5 Reforço das componentes organizativas e das competências territoriais

Equipar o território com centros de recursos estratégicos para o desenvolvimento das competências e organização.

Medida 2 Acções imateriais

Submedida 2.1 Formação profissional

Acção 2.1.1 Formação para o desenvolvimento e a iniciativa local

Criar as condições de uma participação mais activa e efectiva dos actores nos processos de desenvolvimento local.

Submedida 2.2 Outras acções imateriais

Acção 2.2.1 Animação do território e adaptabilidade e reforço das dinâmicas e da iniciativa local

Elaborar um plano estratégico para o aproveitamento social, económico e turístico do potencial natural, agrícola, ambiental e turístico do território Estrela-Sul.

Acção 2.2.2 Identificação, valorização e promoção do potencial estratégico do território

Dar a conhecer os recursos do potencial local e o quadro das suas oportunidades, tendo em vista desenvolver iniciativas para a sua valorização, aproveitamento económico e turístico.

Acção 2.2.3 Promoção da igualdade de oportunidades no acesso às novas tecnologias, à informação e ao conhecimento

Promover a info-inclusão e potenciar as oportunidades da sociedade do conhecimento no combate às desigualdades de grupos particularmente desfavorecidos.

ADERES

Associação de Desenvolvimento Rural Estrela-Sul



Quando, em Julho de 1998, o LEADER II arranca na ADERES já existe uma forte ligação ao desenvolvimento rural. Fundada em Outubro de 1994, a ADERES - Associação de Desenvolvimento Rural Estrela-Sul dá os primeiros passos no terreno na esteira da CODICOR - Cooperativa de Desenvolvimento Integrado de Cortes que já vinha desenvolvendo algum trabalho naquela freguesia desde os finais dos anos 80, designadamente o projecto Aldeias de Montanha, no âmbito do Programa Nacional de Luta contra a Pobreza. Ainda assim, à data de candidaturas ao Programa LEADER (I) esta cooperativa decide não se apresentar como tal porque, embora com alguma experiência, tinha um território de intervenção muito limitado.

Todavia, à medida que vão tomando conhecimento da filosofia LEADER, começam a ver que aquele Programa é o instrumento "excelente" para o território onde já vinha sendo identificada uma estratégia de intervenção. Dar continuidade a esse trabalho foi, segundo o presidente e coordenador da ADERES, José Armando Serra dos Reis, o principal motivo que levou à constituição da associação. "Havia que reafirmar o território num plano estratégico de desenvolvimento integrado, sustentável e harmonioso". Conhecedoras do território e sensibilizadas para as questões do desenvolvimento rural, as juntas de freguesia são as primeiras a avançar para a constituição da ADERES mas, quase de imediato, outras entidades locais e algumas pessoas em nome individual, se lhes juntam; objectivo: concorrer ao LEADER II. A candidatura avançou mas, como o território apresentado tinha sido intervencionado por uma entidade vizinha durante o LEADER I (RUDE), houve necessidade de fazer alguns "ajustamentos". Perderam algumas freguesias com as negociações mas ficaram com um território que consideram ideal. "O nosso território é ideal a nível de intervenção LEADER e daquilo que nós perspectivamos para um programa local. Nós fomos inovadores; demonstrámos que os territórios não tinham de ser de grande dimensão mas de uma dimensão que permita a proximidade, pois o LEADER é um programa de proximidade".

Com um corpo técnico "de custos reduzidos", constituído na maioria por colaboradores da CODICOR (entretanto extinta), a ADERES põe, em tempo recorde, em marcha o Plano de Acção Local LEADER II, implementando projectos que alargaram os espaços de debate e de reflexão sobre diversas temáticas e possibilitaram a criação de condições favoráveis de acesso a serviços de qualidade. Para a ADERES desenvolver significa melhorar capacidades, qualificar processos, promover a inovação e a troca de saberes, motivar a reflexão. A este nível, diversas acções de formação dirigidas a grupos específicos (no quadro dos cursos do IEFP e AN.FOR.C.E), colóquios, jornadas e,

mais recentemente, através do Boletim Informativo Estrela-Sul e do site da associação, traduzem a forte vontade da ADERES em apostar numa estratégia de informação/formação como vector fundamental do desenvolvimento das suas comunidades.

Face ao trabalho desenvolvido e a experiência adquirida, a ADERES apresenta-se ao LEADER+ e, sem surpresas, é integrada no grupo das 52 entidades gestoras do Programa a nível nacional. Com um PDL de pouco mais de três milhões de euros, a ADERES continua a apostar no desenvolvimento do território Estrela-Sul; uma Zona de Intervenção (ZI) que corresponde exactamente à do LEADER II, e para a qual a ADERES procurará, simultaneamente, canalizar outros meios através de programas como o LIFE, AGRO, AGRIS, POEFDS.

Na ADERES, a tendência é desenvolver mais e melhor e crescer. Ao longo do tempo, a equipa tem-se mantido quase inalterável (registando-se apenas a entrada de mais um técnico) - talvez porque, como afirma o coordenador da associação, "aqui as pessoas são dedicadas mesmo quando não estão a tempo inteiro" - mas a lista de associados não tem parado de aumentar, contando-se à data 68 sócios. A nível de instalações, a ADERES prepara-se para inaugurar uma sede própria. O "novo" edifício até já existe faltando mesmo só algumas obras de remodelação/adaptação contempladas num projecto apresentado ao LEADER+. Ao dar este "enorme" passo, a ADERES, para além de devolver o espaço que hoje ocupa ao Centro de Apoio a Crianças, Carenciados e Idosos (IPSS), aposta na criação de um Centro de Apoio ao Desenvolvimento Rural em Cortes do Meio; isto também a pensar no futuro, no fim do QCA III e na tão falada auto-sustentabilidade das ADL. "Pensamos que o fim do QCA III trará algumas dificuldades às ADL. No entanto, acreditamos que as ADL, pelas dinâmicas criadas, vão tornar-se parceiras do Desenvolvimento Local. Assim, para além de um anfiteatro para a realização de acções de formação, colóquios, seminários, etc., a ADERES vai apostar na abertura de uma loja com produtos tradicionais da ZI.

É com esta postura que a ADERES, em conjunto com os seus parceiros e outras entidades e actores locais, procura no presente, à imagem do passado, investir no mundo rural; valorizar e promover os produtos locais e o património natural, formar e qualificar os recursos humanos, apostar na inovação, nas novas tecnologias da informação... em prol de uma melhor qualidade de vida das populações rurais. Um papel que José Armando Serra dos Reis defende com veemência para as ADL.

ADERES
Largo Nossa Senhora do Carmo, n.º 4
6215-136 Cortes do Meio
Telefone: 275 970070
Fax: 275 970076
E-mail: aderes@mail.telepac.pt
Site: www.aderes.no.sapo.pt

Órgãos Sociais

Mesa da Assembleia-Geral: Presidente QUEIRO - Associação para a Floresta, Caça e Pesca | 1º Secretário José Alves Pacheco | 2º Secretário Soardósias - Exploração e Comercialização de Ardósia, Lda. | **Direcção:** Presidente José Armando Serra dos Reis | Secretário Centro de Apoio a Crianças Carenciadas e Idosos de Cortes | Tesoureiro António Mendes Paulo | 1º Vogal Junta de Freguesia do Peso | 2º Vogal Junta de Freguesia da Coutada | **Conselho Fiscal:** Presidente Junta de Freguesia do Barco | 1º Relator Estrelagest, Lda. | 2º Relator Junta de Freguesia de Unhais da Serra

Equipa Técnica ADERES/LEADER+

Coordenador José Armando Serra dos Reis | Técnicos Armando Trindade, Elisabete Braga, José Miguel Mariano, Marco Matos, Odete Pinheiro

Associados

Junta de Freguesia (J. F.) de Cortes do Meio; J. F. da Erada; J. F. de Unhais da Serra; J. F. da Coutada; J. F. do Barco; J. F. do Peso; J. F. do Ourondo; J. F. de Silves; J. F. de Sobral de S. Miguel; J. F. de S. Jorge da Beira; J. F. de Lavacolhos; José Serra dos Reis; José Armando Serra dos Reis; Centro de Apoio a Crianças, Carenciados e Idosos de Cortes; Jorge Manuel Lopes da Cruz Pombo; António Bernardo Domingos; António Mendes Paulo; J. F. de Casegas; J. F. da Barroca; J. F. de Janeiro de Cima; J. F. do Paul; Fábrica da Igreja Paroquial da Erada; CIFIP; Armando Manuel Silva Batista Trindade; Jorge Martins Timóteo; Elisabete Lopes Braga; Maria Odete Gonçalves Pinheiro; Carlos Manuel Conceição Rodrigues; J. F. de Aldeia de S. Francisco de Assis; Vale do Pastor, Lda.; Turistrela, S.A.; Soardósias - Exploração e Comercialização de Ardósia; PINUS VERDE; Associação de Produtores Florestais do Paul; Casa do Povo do Paul; Quinta da Caravela; Instituto de Apoio Social de Ourondo; Centro Cultural e Recreativo de Ourondo; Conselho Directivo dos Baldios da Freguesia de Cortes do Meio; Centro Social da Coutada; Centro de Solidariedade Social de S. Jorge da Beira; Queiró - Associação para a Floresta, Caça e Pesca; ARPAZ; Serração do Ourondinho; EFS; EstrelaGest; Associação Sócio-Cultural Eradense; Conselho Directivo dos Baldios da Erada; José Miguel Mariano; Gabinete de Gestão e Contabilidade; Filarmónica Cortense; GDRC - Estrela de Cortes; Café Estrela; Clube de Campismo e Caravanismo da Covilhã; José Maria Serra dos Reis; Ilídio Moisés Serra dos Reis; João Serra dos Reis; Valestrela, Lda.; António Amaro Quintela; José Alves Pacheco; Magda Armanda Proença Reis; Grupo Desportivo e Cultural de Silves; Carlos Manuel Ricardo; Rancho Folclórico de Silves; J. F. de Bogas de Baixo



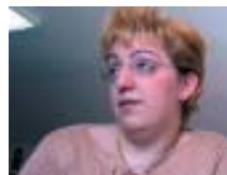
José Armando Serra dos Reis
Coordenador

Confessa-se "um rural que foi fazendo algum percurso académico por acidente". Nascido numa família da Serra, José Armando Serra dos Reis deixa-se ficar pela terra. Vive há dois anos em Tortosendo mas até então Cortes do Meio era a freguesia eleita para viver e para trabalhar. Lá deu os primeiros passos como professor do primeiro ciclo e como autarca. Durante uma dúzia de anos dedicou-se a tempo inteiro ao ensino mas a dada altura, e já depois de ter sido dirigente do sindicato dos professores da região Centro, José Armando entra na vida autárquica. É como Presidente da Junta de Freguesia de Cortes do Meio (durante 16 anos) que José Armando começa a verificar que eram necessárias "estratégias e mecanismos de desenvolvimento complementares" ao trabalho autárquico, envolvendo-se, por isso, na criação de uma cooperativa de desenvolvimento (CODICOR) e depois de uma ADL (ADERES). No final dos anos 80 sente "necessidade de aprofundar os conhecimentos práticos com os teóricos" e ingressa na UBI para cursar Sociologia. Revelando-se um apaixonado pela doutrina LEADER, José Armando afirma que foi através deste Programa que encontrou a possibilidade de fazer o que sempre ambicionara: contribuir para a melhoria da qualidade de vida das pessoas.



Armando Trindade
Infra-estruturas

Natural de Castelo Branco mas a residir no concelho de Covilhã desde que terminou a licenciatura em Engenharia Civil (IST, Lisboa), Armando Trindade é colaborador da ADERES desde a primeira hora. Nunca a tempo inteiro, porque tem a sua própria empresa para gerir, este engenheiro civil de 36 anos admite a necessidade de "alguma sensibilidade para acompanhar este tipo de projectos na área do desenvolvimento rural": geralmente pequenos projectos com valências muito próprias mas que, pegando nas suas palavras, "são a melhor maneira de desenvolver o território" e, talvez por isso, seja um trabalho que lhe dá muito "gozo" fazer.



Elisabete Braga
Serviços Administrativos

Na ADERES desde Abril de 1998, é das colaboradoras mais antigas da associação. Com um curso de contabilidade do IEFP, Elisabete Braga assumiu desde logo as funções administrativo-financeiras: primeiro e durante quatro anos na CODICOR, depois na ADERES. A viver há oito anos em Cortes do Meio, Elisabete não hesita ao afirmar que hoje "temos um território muito mais desenvolvido". A maioria dos projectos conhece-os apenas pelos muitos papéis que lhe passam todos os dias pelas mãos, mas os promotores "conhece-os todos muito bem" uma vez que é a ela que todos se dirigem para tratar da "papelada", facturas, pagamentos, etc. Uma função que valoriza... "Às vezes falta-lhes apenas um pequeno empurrão; cabe-me também motivar os promotores".



José Miguel Mariano
Técnico de desenvolvimento rural

Quando termina o curso (Engenharia Rural, no Politécnico de Castelo Branco) há três anos, Miguel (como prefere ser chamado) não sabia muito bem o que fazer profissionalmente. Depois de uma breve passagem pela central de compras de uma cadeia de hipermercados no Fundão, Miguel chega à ADERES em Janeiro de 2002 ao abrigo de um estágio profissional através do IEFP. Convidado a ficar, participa activamente na construção do PDL LEADER+ sendo logo aí que Miguel - nascido em França há 26 anos mas a viver em Tortosendo desde os seis, descobre o que mais o fascina: o trabalho no terreno, o contacto com as pessoas e com a Natureza.



Marco Matos
Informática

Ainda que não goste muito do "título", por achar "pomposo", Marco é o informático da ADERES. Em 1997/98 faz um curso no IEFP e o bichinho da informática não o larga mais. No entanto, é através de um curso de animadores sociais (Programa AGIR/IPJ) que entra na associação em 1999. "Escolhi a ADERES para fazer o estágio por ser perto de casa", confessa. Marco agarra a oportunidade, assumindo funções na área informática. Para além da criação e manutenção do site da associação - projecto pelo qual se nota que sente especial responsabilidade - Marco gosta particularmente de navegar na Internet, pesquisando informação pertinente para a associação. Com apenas 25 anos, Marco não parece muito preocupado com o seu futuro profissional; porém, de uma coisa parece estar certo: quer voltar a estudar... "na área da informática".



Odete Pinheiro
Contabilista

Com formação superior em Gestão de Empresas (ISCTE, Lisboa), Odete Pinheiro inicia a sua vida profissional no ensino, leccionando matemática durante 3/4 anos; primeiro em Penamacor, depois na Covilhã - cidade onde vive desde que casou e deixou definitivamente Castanheira (Guarda) onde nasceu há 44 anos. Entretanto cria um gabinete de contabilidade e é no âmbito da prestação de serviços nesta área que chega à CODICOR e depois à ADERES. Durante muitos anos, para além desta actividade, Odete ainda dava formação mas desde há pouco mais de um ano dedica-se quase exclusivamente à contabilidade, acompanhando financeiramente vários programas, designadamente o LEADER que considera dos "mais exigentes" mas também dos "mais interessantes". Ainda assim, encontrou tempo para tirar uma pós-graduação em Gestão Financeira, na Universidade Católica.

Estender as redes da cooperação

Um balanço

A reflexão centrada em torno da cooperação, que o IDRHa teve a oportunidade de promover em parceria com a Federação Minha Terra e com a activa colaboração da ADREPES, nos passados dias 22 e 23 de Maio, em Sesimbra, através da realização do seminário “Estender as Redes da Cooperação LEADER” permitiu que se equacionassem muitas questões pertinentes para a estratégia de cooperação desenvolvida pelos GAL e salientou a importância destes encontros no trilhar de novos caminhos para o desenvolvimento rural.

Este seminário teve como principais objectivos relançar a Rede Portuguesa LEADER+, proporcionando a troca de experiências e informações sobre a cooperação transnacional no âmbito do Programa. Neste contexto, assumem especial destaque tanto os novos países com os quais os GAL (Grupos de Acção Local) podem estabelecer parcerias e potenciar o desenvolvimento rural em Portugal, caso dos PALOP, privilegiando identidades culturais e linguísticas comuns, como a Espanha, país com uma realidade próxima e com o qual se tem intensificado a cooperação transnacional. Através da realização de dois grupos de trabalho, pretendeu-se, ainda, reflectir acerca das limitações e potencialidades de alguns projectos LEADER+, em fase avançada de realização, bem como trazer lições destas experiências para os novos projectos de cooperação que se estão a perspectivar. O primeiro grupo virado para o saber-fazer e a aquisição de competências e o segundo abordando a cooperação no contexto das soluções para os territórios e cujas pistas, emanadas destes grupos, se destacam em separado. A análise dos dados referentes ao Vector 2 do LEADER+ fornecidos pelos GAL e trabalhados pelo IDRHa, revelou uma vontade clara de iniciar processos de cooperação, traduzida sobretudo em ideias novas e, ainda pouco, em projectos postos em prática; surge também uma dominância clara dos projectos na área dos produtos locais, não negligenciando a área dos territórios e da aquisição de competências; por fim, constata-se a existência de uma multiplicidade de projectos nas mesmas áreas, de Norte a Sul do país e nas ilhas, que seria interessante fazer convergir e consensualizar, no sentido de que as intervenções ganhem a escala necessária à sua viabilidade e visibilidade na sociedade actual.

A metodologia seguida, no âmbito da Rede Portuguesa LEADER+ para a realização deste seminário, ajudou a consolidar os objectivos propostos, nomeadamente através do estabelecimento de um proto-

colo de cooperação entre o IDRHa e a Federação Minha. Desta realização pode concluir-se que este evento permitiu exemplificar algumas das complementaridades de acção que se podem retirar da cooperação entre entidades públicas e privadas, passíveis de serem extrapoladas para outros desafios que se colocam ao desenvolvimento rural. Embora o número de GAL europeus presentes no seminário tivesse ficado aquém das expectativas, os GAL portugueses acorreram em número significativo. Este aspecto, apesar de positivo, torna evidente o amplo trabalho que ainda está por realizar no âmbito da Rede Portuguesa LEADER+, nomeadamente no que se refere à animação, articulação e criação de espaços de debate e reflexão.

Aproximam-se momentos cruciais para os processos de Desenvolvimento Local em Meio Rural. O alargamento da União Europeia; a “crise” do seu orçamento, e os seus reflexos na PAC (Política Agrícola Comum) e em especial no 2º pilar – o desenvolvimento rural, tornam imprescindíveis estes espaços de discussão e reflexão aprofundada, partilhada e inclusiva no seio da rede, para viabilizar a construção de um caminho sustentado, proporcionando outros eventos que ajudem a equacionar soluções e estratégias conjuntas.

Novos caminhos estão em marcha no campo do desenvolvimento dos espaços rurais, bem como emergem novas formas de articulação e funcionamento entre agentes públicos e privados, dinâmicas que exigem maior compromisso institucional e político e um maior envolvimento de todos os actores. Só com participação activa e empenhada de todos será possível confrontar esta realidade, construir projectos comuns e responder, com inovação e determinação, aos múltiplos desafios que se colocam ao mundo rural, neste início de século.

IDRHa
Federação Minha Terra
ADREPES

Conclusões dos grupos de trabalho:

- O processo de cooperação deve ser dinâmico, deixando de lado protagonismos e individualismos, requerendo um esforço contínuo de progressão, intercomunicação e formas inovadoras de intervenção;
- A cooperação deve ser iniciada com um planeamento estratégico eficaz, e respeitar um conjunto de etapas, começando por definir os objectivos a atingir e as necessidades a colmatar, desenhando estratégias de acção e finalmente identificando parceiros;
- Na execução devem ser criados processos regulares de trabalho entre parceiros, de forma a ultrapassar obstáculos e a dinamizar potencialidades, utilizando metodologias já testadas e recorrendo cada vez mais às novas tecnologias de informação;
- A partilha da informação e do saber-fazer é essencial para o sucesso da cooperação em áreas como o desenvolvimento e a inovação;
- A preocupação da sustentabilidade das acções de cooperação deverá ser tida em conta logo na fase de planeamento, construindo-se projectos de qualidade que efectivamente tragam uma mais valia ao território e à população, envolvendo-a activamente. A divulgação e visibilidade do projecto são essenciais à sua sustentabilidade;
- A condição geográfica periférica em que nos encontramos exige uma união forte e solidária, que nos permita uma participação constante e activa nos processos de decisão de uma Europa cada vez mais ampla.



Francisco Boleiro

Estender as redes da Cooperação LEADER

A "promoção da cooperação nacional e transnacional entre territórios rurais da União Europeia e outros territórios, nomeadamente através da troca de informações sobre processos de cooperação embrionários ou em curso", foi o grande objectivo que reuniu, em Sesimbra, a 22 e 23 de Maio, cerca de 200 dirigentes e técnicos ligados ao Programa LEADER+ num seminário que contou essencialmente com a presença de parceiros da vizinha Espanha.

O Presidente do Instituto de Desenvolvimento Rural e Hidráulica e Gestor do LEADER+, Carlos Matamouros Resende abriu oficialmente o Seminário, primeira iniciativa lançada no sentido da formação e capacitação da rede portuguesa LEADER+, numa parceria estreita com a Federação Portuguesa das Associações de Desenvolvimento Local "Minha Terra".

Jean Michel Courades, representante da DG AGRI da Comissão Europeia teve oportunidade de fazer um ponto de situação da implementação do LEADER+ no espaço europeu, referindo o relativo atraso do lançamento do Vector 2 (Cooperação), o que mereceu uma atenção especial dos serviços responsáveis com vista a acelerar o processo. O lançamento de um Observatório de apoio à Cooperação, que deverá estar operacional a partir de 2004 e o lançamento rápido de uma Bolsa de Ofertas de Cooperação a surgir no site oficial da DG AGRI foram as medidas anunciadas aos grupos presentes no sentido de os apoiar e enquadrar na busca de parceiros. Mais tarde, em sessão específica sobre a Cooperação LEADER, Jean Michel Courades complementou estas informações com aspectos ligados a modelos de selecção de projectos implementados nos diversos países europeus, a aspectos práticos da elegibilidade de despesas do Vector 2 do Programa e à preocupação com os critérios de avaliação dos projectos. Eduardo Ramos, Professor da Universidade de Córdoba onde é responsável por uma cátedra de desenvolvimento rural, apresentou uma intervenção que ressaltou a importância da cooperação como instrumento de apoio ao desenvolvimento local. Iniciando a sua intervenção sobre o contexto actual europeu e o "triângulo impossível" que enfrenta, corporizado pela ampliação a leste, a segurança alimentar e a competitividade agrícola, Eduardo Ramos chamou a atenção para a necessidade de reforçar a nível europeu os laços e os esforços dos territórios do Mediterrâneo. Criar "capital social", gerar "capital humano",

criar "relações e parcerias" e ligar "pouco a pouco" foram métodos apontados para a resposta a um conjunto de desafios que passam pela construção de um novo modelo, pela dinamização real das populações, pela implementação de uma cultura ascendente, pelo alargamento da rede de parceiros, pelo protagonismo social dos GAL e pela permanente atitude de abertura. E, num Seminário que apontava para "estender as redes da cooperação LEADER", Eduardo Ramos deixou uma mensagem muito directa – "por um desenvolvimento rural europeu de imagem mediterrânica".

Guilherme Lewes, Chefe de Projecto do Programa LEADER+, fez o ponto de situação do lançamento do Vector 2 do Programa em Portugal e deixou a nota de que a cooperação é um instrumento indispensável para se encontrarem novas ideias e soluções para o desenvolvimento dos territórios, constituindo muitas vezes, por si só, uma inovação para os GAL.

À tarde, um conjunto significativo de projectos de cooperação esteve em análise em grupos de trabalho. "Cooperar em Português", o projecto lançado no LEADER+ pelas equipas da Beira Litoral; o "Club Biored", projecto consolidado ao longo do LEADER II; o "C3 – Consultadoria para o 3º Sector", coordenado pelo IEBA; a "Loja do Mundo Rural", dinamizada pela ProRegiões, as "Aldeias de Portugal" que integram e enquadram uma oferta de turismo rural; o "Cardum", um projecto ligado à promoção e divulgação dos queijos e o "Projecto JEMA - Jovens empresárias movimentam-se para o auto-emprego", promovido pela ADRIMAG, no âmbito do Programa EQUAL. Projectos ligados à aquisição de competências ou à pesquisa de soluções para os territórios e produtos locais.

Nos espaços comuns do Seminário, um conjunto de cartazes ilustravam a intervenção de alguns dos mais significativos projectos de cooperação em curso.

Novos caminhos

O segundo dia do Seminário dedicou a sua atenção aos novos caminhos para a cooperação e à sua extensão aos países do Sul. Jorge Guimarães, da gestão do Programa de Luta contra a Pobreza em meio Rural, de Cabo Verde, apresentou numa bem organizada exposição a intervenção que há três anos vem sendo implementada naquele país e inspirada na metodologia do programa LEADER. Teve também oportunidade de reflectir sobre os problemas com que se deparam os actores dos seus territórios e sobre os aspectos motivadores da cooperação que foi estabelecida



Francisco Botelho

Qual é o maior desafio da cooperação no âmbito do LEADER+ ?

Miguel Andrade (ACAPORAMA) Nós no LEADER II não tivemos cooperação. No LEADER+ vamos apostar nas sinergias existentes na região, nomeadamente ao nível do turismo; vamos aproveitar a natureza, o mar e a montanha. As ideias que nós temos passam por um projecto de turismo com duas entidades do Continente, a ADIRN e a Tagus. A nível transnacional, estamos já a trabalhar no sentido de uma cooperação com Cabo Verde.

Arlene Goulart (ADELIAÇOR) A implementação de projectos de cooperação, deve surgir da identificação de necessidades e definição de objectivos concretos. Há que encontrar parceiros com interesses em comum, de acordo com as mais-valias a alcançar, sob pena de desvirtuar a metodologia da cooperação, colocando as necessidades em segundo plano. Há também que atender à coerência do projecto no contexto do território e assegurar que a sua implementação resultará em mais-valias e complementaridades para a ZI. O nosso maior desafio consiste assim em encontrar parceiros com os quais possamos desenvolver um projecto de cooperação cujas acções de intervenção revertam efectivamente em desenvolvimento local.

Mário Fidalgo (AD ELO) O maior desafio é ter a possibilidade de criar alguns laços, nomeadamente com os novos países. Esse é um desafio que é, por um lado, interessante, embora, por outro, possa ser muito difícil. Mas nós estamos a apostar entrar nesse campo. Em relação à cooperação nacional e inter-territorial, estamos fortemente a trabalhar numa lógica regional. Tematicamente ao nível de um ou dois sectores, nomeadamente no da comercialização dos produtos.

Montalvão Machado (ADRAT) Eu penso que não se pode falar que seja um desafio. Tudo na vida começa pela cooperação, de uma maneira ou de outra. Nós, talvez por defeito de nascença e porque somos da Raia, uma região de fronteira, temos o gene da cooperação. Para nós todos os projectos começam na cooperação com outras regiões. O nosso objectivo neste campo para este LEADER é fortalecer e consolidar projectos antigos, ideias novas e parcerias com outras regiões mas sempre com uma visão muito construtiva da cooperação. Nós não cooperamos porque nos obrigam mas porque temos esse hábito e porque vamos encontrar na cooperação aquela assistência técnica ou apoio técnico que não conseguimos encontrar noutro sítio.

Miguel Ventura / José Francisco Rolo (ADIBER) A Aprender, trocar experiências e potenciar a intervenção que temos em curso na região da Beira Serra. Daí uma aposta clara e consciente em estabelecermos parcerias activas a dois níveis: com as ADL da Beira Litoral, desenvolvendo projectos de cooperação inter-territorial que permitirão promover os respectivos territórios; ao nível da cooperação transnacional, no sentido de integrar redes e metodologias de intervenção que permitam uma eficaz valorização do património natural e construído da região, particularmente da paisagem e do seu potencial turístico. Entendemos que temos muito para aprender em matéria de cooperação e temos nesta um importante instrumento de reforço das competências próprias das ADL.

João Carlos Pinho (ADRIMAG) Sem dúvida que a cooperação é um desafio. O maior que nós temos neste momento é consolidar as acções que temos delineadas com os nossos parceiros. Temos algumas ao nível nacional, com as associações de Entre-Douro e Minho no âmbito do turismo de aldeia, e a nível transnacional temos uma - Rural Taste of Europe - que consideramos bastante interessante e que é um processo que transita do LEADER II e que vamos agora consolidar com parceiros austríacos, gregos e espanhóis. A cooperação com outros países e regiões está a ser usada como uma ferramenta de trabalho para conseguirmos que a região venha a ser beneficiada.

Henrique Tavares (ADRMINHO) Nós já temos a experiência do LEADER II que tem vindo a ser bem sucedida. Neste momento estamos a cooperar com as entidades do Entre-Douro e Minho e mais uma de Trás-os-Montes; um processo complexo mas que estamos a levar avante com a boa vontade e disponibilidade de todos (muito importante). Passo a passo estamos a conseguir... penso que no fim alcançaremos os objectivos pretendidos. Um desafio? Completamente. Um desafio e uma mais-valia que vai concertar para as regiões envolvidas.

Francisco Morato (ATBG) O maior desafio pretende-se com a concretização de iniciativas que estabelecem parcerias sólidas que potenciam a intervenção em curso através do Vector 1 do LEADER+. Os princípios estratégicos no nosso Plano de Cooperação visam a conjugação de vontades dos parceiros envolvidos na promoção integrada dos seus territórios. Tendo o tema forte do PDL Terras do Baixo Guadiana como objectivo a promoção do reforço das componentes organizativas e das competências das zonas rurais, o grande desafio da cooperação passa por se encontrar resposta à necessidade imperativa de dar forma e conteúdo a uma estratégia, a nível interterritorial e transnacional, que contrarie as consequências da interioridade de um território deprimido.

David Marques (ESDIME) É sobretudo um desafio com esta componente transnacional e com a possibilidade de abertura a outros países da UE. Um desafio de tentarmos novos caminhos, como os da cooperação com os países de língua portuguesa. Na restantes acções que estamos a desenvolver o desafio é o de reforçar o trabalho com os nossos parceiros do Alentejo, sobretudo ao nível da afirmação regional. Temos de aproveitar esta possibilidade do LEADER para reforçar acções que promovam o Alentejo numa região empreendedora.

Eugénio Lopes (RUDE) O nosso maior desafio nesta área passa pelo estabelecimento de uma rede de cooperação com diversos agentes do espaço nacional e transnacional com vista à realização de acções conjuntas no domínio dos produtos locais - pretende-se a sua valorização, associada a uma imagem de marca local; turismo - ao nível da promoção e divulgação conjunta de produtos e serviços turísticos; novas tecnologias - na melhoria da qualidade de vida em meio rural e igualdade de oportunidades no acesso à informação, e intercâmbio cultural - pretende-se promover um conjunto de actividades de âmbito cultural, recreativo e pedagógico junto de grupos-alvo específicos, nomeadamente os jovens.

Pedro Saraiva (TAGUS) Um desafio interno e um desafio nacional. É essa a perspectiva com que olhamos para a cooperação. A nível temático, a animação da comercialização dos produtos locais, animação turística e património, são as três linhas que a Tagus delineou no âmbito da cooperação. A nível da comercialização dos produtos locais a parceria passa muito pela comercialização em meio urbano e com a Proregiões; ao nível dos produtos turísticos estamos numa fase embrionária numa parceria com a Adirn e com a Acaporama e quanto ao património é uma linha de abertura para o exterior mas sobre a qual ainda não temos nada em concreto.

Carlos Albano (VICENTINA) Conseguir que os inúmeros contactos esporádicos e projectos temporários em que nos envolvemos, consigam derivar em relações de trabalho duradouro, assumindo os envolvidos que trabalho de cooperação entre entidades/territórios nacionais ou internacionais só será frutuosa a longo prazo, entendendo-o como "uma maratona e não uma corrida ao sprint". Assumir este facto implica uma profunda reflexão e avaliação, mesmo que dolorosa, sobre o que tem sido o nosso trabalho em cooperação ao longo deste últimos anos.

Entrevistas de Paula Matos dos Santos

entre as estruturas caboverdeanas e as associações portuguesas, chamando a atenção para o facto de a experiência do seu país se revelar um excelente laboratório da prática do desenvolvimento local.

Caio Silveira, o coordenador da RedeDlis, rede brasileira de desenvolvimento local integrado e sustentável, deu aos participantes do Seminário uma panorâmica das diversas intervenções que no Brasil vão afirmando a metodologia do desenvolvimento local, bem como do esforço de criação de uma rede que congregue instituições e actores individuais e que possibilite uma reflexão alargada sobre as práticas diversificadas. E deixou um convite aos grupos LEADER portugueses e europeus para a participação, em Novembro próximo, na EXPO Brasil, grande manifestação sobre o desenvolvimento local brasileiro.

Numa mesa-redonda que reuniu Augusto Correia (Instituto Superior de Agronomia (ISA)), Samuel Thirion, Mohamed Manssouri (FIDA-Fundo Internacional de Desenvolvimento Agrícola), sob a moderação de Carlos Cabral (ASSESCA-PLP), apresentaram-se novas perspectivas de cooperação. A cooperação com os países do Sul, o seu enquadramento actual e os apoios nacionais à cooperação foram aspectos abordados por Augusto Correia (ISA-UTL) enquanto Samuel Thirion deixou notas sobre o enquadramento da cooperação com os países do Leste da Europa e mecanismos de apoio a este tipo de cooperação por parte da União Europeia. Mohamed Manssouri, responsável para África de uma instituição de apoio à Cooperação, o FIDA, deu nota da sensibilidade daquela estrutura à pesquisa de novas soluções para os projectos de cooperação e da experiência estimulante que se encontra em curso em Cabo Verde com a utilização da metodologia LEADER.

Novos caminhos para a cooperação apresentados aos participantes, que considerando a Cooperação como um instrumento para o desenvolvimento dos territórios, vai à procura de novos enquadramentos de financiamento e de novos espaços geográficos de intervenção, quer sejam os que a língua facilita, quer sejam os que reencarnam o sonho de uma Europa do Atlântico aos Urais.

Reunião de família

Primeira grande reunião da "família LEADER" portuguesa no decurso do LEADER+, o Seminário realizado em Sesimbra revelou-se como habitualmente um momento essencial para a troca de impressões entre os participantes e um espaço privilegiado para a circulação de informação.



Francisco Botelho



Francisco Botelho

A organização logística do Seminário, a cargo da Federação Minha Terra e apoiada na associação local, a ADREPES, recém chegada à família, foi sempre eficiente e revelou a delicadeza que o mundo rural coloca nas suas iniciativas. E será sempre de referenciar o facto de ter sido possível ver e apreciar os produtos locais da Península de Setúbal, disponibilizados aos participantes por ocasião dos intervalos para café; a prática do artesanato por actores locais ou a sábia ironia da poesia popular encarnada na actuação de um Grupo Musical de Sesimbra. Intervenções que são a evidência do trabalho de animação da ADREPES, e que cabe aqui enaltecer tanto mais que envolvem a participação empenhada e gratuita de muitos dos promotores locais. A Cooperação faz-se com laços entre as pessoas e é, acima de tudo, uma atitude. O Seminário de Sesimbra preocupou-se com "Estender as redes de cooperação LEADER". Os próximos tempos darão conta do caminho que as sementes agora lançadas vierem a tomar.

Francisco Botelho

Moinhos do Oeste em Palma de Maiorca



LEADEROESTE

A LeaderOeste participou no IV Congresso Internacional de Molinologia, que decorreu de 1 a 3 de Maio, em Palma de Maiorca, tendo apresentado uma comunicação sobre os Moinhos característicos da Região Oeste - alvo de grande receptividade por parte dos congressistas presentes, estudiosos e amantes da Molinologia e representantes de diversos países europeus.

O evento reuniu cerca de 140 participantes e contou com 33 comunicações, para além de uma interessante visita a um conjunto de moinhos de vento produtores de farinha (recentemente restaurados), a um núcleo museológico dinamizado pela autarquia na cidade de Palma, e a uma escola-oficina ligada ao ensino da ferraria e

carpintaria (especialistas na recuperação de moinhos), e ainda a um conjunto de moinhos de extracção de água recuperados para fins pedagógicos.

A delegação da LeaderOeste, composta por Maria de Jesus Fernandes (membro da direcção e representante da PATO - Associação de Defesa

do Ambiente de Paúl de Tornada) e Sílvia Pinheiro (técnica da associação), aproveitou este evento para realizar inúmeros contactos com estudiosos de diversos países nas áreas da museologia, recuperação de moinhos, formação profissional, produção energética, programas pedagógicos na área do património molinológico, entre outros.

A divulgação dos Moinhos de Vento do Oeste, na sua simbologia ligada a uma forte identidade regional, bem como o trabalho efectuado pela LeaderOeste foram os aspectos fundamentais da comunicação apresentada no Congresso. As características próprias deste tipo de sistema de moagem - moinho de torre em alvenaria e velas de pano - despertou um enorme interesse, dado o quase desconhecimento pela maior parte dos congressistas presentes.

A LeaderOeste tem vindo a realizar, com o apoio da Associação de Municípios do Oeste, o inventário destes moinhos nos diversos concelhos da Região Oeste, através de inquéritos às Juntas de Freguesia, confrontação cartográfica e posterior trabalho de campo, e dos quais resultaram já algumas maquetas para futuras edições.

O conhecimento dos projectos e programas em curso na Europa, e em particular na vizinha Espanha, bem como a rede de contactos, poderá constituir um forte contributo no avanço dos projectos regionais nesta área e impulsionar trocas de experiências e técnicas, e complementar conhecimentos nesta área.

LEADEROESTE

Cozinha Tradicional Jorgense

A Junta de Freguesia da Ribeira Seca promoveu de Janeiro a Maio um curso de formação específica em cozinha tradicional regional, proporcionando a 30 pessoas uma qualificação profissional especializada na área gastronómica.

Abrangendo toda a Ilha de São Jorge, o curso teve uma carga horária total de 200 horas e os conteúdos programáticos incidiram sobre temáticas diversas, que directa e indirectamente contribuíram para a aprendizagem da arte gastronómica local: Nutrição, Higiene Profissional e Alimentar, Gestão de Produção Familiar e Industrial, Orçamento Familiar, Cozinha Tradicional Jorgense, Cozinha Tradicional das Fajãs, Doçaria Tradicional e Visitas de Estudo.

As visitas de estudo efectuadas levaram os alunos a conhecer duas realidades distintas na ilha: a UNIQUEIJO - União de Cooperativas

Agrícolas de Lacticínios da Ilha de São Jorge e a forma de pasteurização do leite e da manteiga, e a Fábrica das Conservas de Santa Catarina, onde os alunos puderam observar as técnicas de trabalhar o atum que lhe conferem a reconhecida qualidade.

A cerimónia de encerramento do curso decorreu no passado dia 8 de Maio, com a entrega dos Certificados, seguida de um jantar confeccionado pelos próprios formandos.

Este projecto apoiado pelo LEADER+/ADELIAÇOR pretendeu dinamizar e assegurar a divulgação do saber-fazer da cozinha tradicional jorgense e proporcionar a qualificação de pessoas por forma a possibilitar a sua integração no mercado de trabalho.

ADELIAÇOR

4º Passeio a cavalo dos Montes Alentejanos

Realizou-se no passado dia 17 de Maio o 4º Passeio a Cavalo dos Montes Alentejanos. Uma iniciativa do Centro Equestre da Quinta dos Tojais, da Fundação Abreu Callado e da Associação dos Montes Alentejanos, entidades pertencentes à Zona de Intervenção da Leadersor - Associação para o desenvolvimento Rural Integrado do Sor e beneficiários do Programa LEADER.

Os participantes usufruíram de um excelente dia, aliando o gosto pelos cavalos com o contacto com a natureza, sem esquecer o magnífico almoço confeccionado com produtos locais de qualidade. O Passeio teve início na Quinta dos Tojais, em direcção ao Monte do Padrão - Turismo Rural, onde, a meio da manhã, foi servido um "taco" para restabelecer ener-

gias, seguindo para Benavila, mais precisamente para a Escola José Godinho D'Abreu, onde foi servido o almoço aos participantes e acompanhantes. No final deste passeio, todos os participantes saíram satisfeitos manifestando vontade de voltar a este local paradisíaco.



LEADERSOR

LEADERSOR

XV Feira do Queijo Rabaçal



Francisco Boelheiro

A XV Feira do Queijo Rabaçal, V Mostra do Vinho Terras de Sicó e III Prova do Cabrito e Borrego, teve lugar nos dias 24 e 25 de Maio numa das freguesias de produção do afamado Queijo Rabaçal DOP - Degraças, concelho de Soure.

Um fim-de-semana cheio de grandes momentos, entre os quais destacamos, no sábado, o almoço vinico da V Mostra do Vinho Terras de Sicó,

onde estiveram presentes todos os produtores associados da Vinisicó (Associação de Vitivinicultores da ADSICÓ) e foi feita a divulgação dos prémios atribuídos aos vitivinicultores, e o jantar no qual foi realizada a cerimónia de abertura da III Prova do Cabrito de Sicó e Borrego de Sicó. No Domingo, teve início a XV Feira do Queijo Rabaçal. Este ano, tendo em conta as exigências nacionais e comunitárias relativas a Qualificação

e Segurança/Qualidade Alimentar, só foram convidadas as Queijeiras com queijarias licenciadas. Ainda assim, a feira contou com a participação das quatro Queijarias Produtoras do Queijo Rabaçal DOP e com 20 queijarias licenciadas produtoras de queijo tradicional de ovelha e de cabra.

Este foi um dia importante para toda a região de Sicó, porque o Presidente da República, em visita ao mundo rural, passou por Degraças para conhecer e provar os sabores e aromas de Sicó. Entre outros ilustres que fizeram prova da sua dedicação pela região e suas riquezas, assinala-se a presença dos Confrades da Confraria do Queijo Rabaçal.

Ao almoço teve lugar a degustação dos produtos do Cabaz Terras de Sicó, nomeadamente, o Queijo Rabaçal, o Vinho Terras de Sicó, o requeijão, o mel produzido na Serra de Sicó, bem como o azeite, os frutos secos, os doces tradicionais e o aromático cabrito de Sicó e Borrego de Sicó. A tarde foi animada com a actuação de seis ranchos folclóricos da região.

Terras de Sicó

II Festival Islâmico de Mértola

O II Festival Islâmico de Mértola decorreu na Vila Museu entre os dias 15 e 18 de Maio, numa organização da Câmara Municipal de Mértola.

Os milhares de visitantes que acorreram a Mértola nesses dias puderam desfrutar do *souk* (mercado), onde a abundância de cores, aromas e sabores - presente no artesanato e na gastronomia - fez de Mértola, novamente, uma vila de coração árabe.

Mas nem só de produtos se fez este festival; a música e as artes também se fizeram representar. Por um lado, as actuações de grupos como os *Radio Tarifa*, *Les Boukakes*, *Caravasar*, *Les Boukakes*, *Abdelli*, e o canto-autor *al-Tarab* trouxeram os sons do Norte de África. Por outro, o Teatro Meridional com a sua nova peça "O relato de *Alabad*" e ainda as exposições de pintura dedicada a *Chefcahouen* (uma cidade do Norte de Marrocos geminada com Mértola) da autoria de *Mohamed Hakoun*, *Mouheïn El Ouraghli* e *Khalid El Haoulani*, organizada pela ADPM - Associação de Defesa do Património de Mértola, e de fotografia da autoria de Carlos Didelet.

Durante o festival decorreram ainda outras iniciativas como a inauguração do monumento a *Ibn Qasi* no Castelo de Mértola; o lançamento da

monografia "Ibn Qasi, o rei rebelde de Mértola" do autor *Abdallah Kwalli*; a mesa-redonda "A Guerra e a Paz no Mediterrâneo" com a presença de António Borges Coelho, Cláudio Torres, Miguel Portas, Carvalho da Silva e José Lamego, organizado pelo Campo Arqueológico de Mértola; e o colóquio "A Mesquita de Mértola" com a presença de José Luís de Matos, Santiago Macias, Sheik David Murir, Filomena Barros e Joaquim Boiça.

No final ficou a promessa de Mértola voltar a engalanar-se em Maio de 2005 para receber mais uma edição desta iniciativa, que demonstra bem a ligação de Mértola à cultura árabe.

Ricardo Rosa
Terras do Baixo Guadiana



Terras do Baixo Guadiana

Uma década de desenvolvimento

"Uma Década de Desenvolvimento Rural" é o nome da exposição organizada pela ADRUSE - Associação de Desenvolvimento Rural da Serra da Estrela, com o apoio da AIBT/Serra da Estrela, que pretende mostrar algum do trabalho feito pela Associação nestes últimos dez anos.

Constituída por 12 painéis e dois expositores com produtos artesanais, esta exposição é também uma oportunidade de divulgar e valorizar as potencialidades da região. Depois de ter passado por Seia, Fornos de Algodres e Manteigas, a exposição vai estar patente ao público em Celorico da Beira, de 12 a 31 de Julho, e em Gouveia, logo a seguir, completando assim a itinerância pelos cinco concelhos da zona de intervenção da ADRUSE.

ADRUSE



ADRUSE

II Aquapaper

O II Aquapaper de Abrantes – Desafio Herdade de Cadouços realizou-se no passado dia 10 de Maio. O evento decorreu na praia fluvial de Aldeia do Mato, concelho de Abrantes, num percurso de 12 quilómetros em plena albufeira e contou com a participação de 69 canoístas, distribuídos por 37 equipas provenientes da região e também de Tomar, Torres Novas, Torres Vedras, Alcácer do Sal, e um número muito significativo de participantes de Lisboa.



Assente no sucesso que foi a primeira edição, o II Aquapaper proporcionou aos participantes uma jornada onde o divertimento foi constante e a boa disposição imperou, num dia de agradável contacto com o plano de água da Albufeira de Castelo do Bode, e que culminou na Estalagem Vale Manso com um jantar de confraternização e entrega de prémios. Na classificação geral, ficaram em primeiro lugar João Manuel de Magalhães Simões, em kayak mono-lugar; João Manuel Laia Cardoso e Alfredo Rosa Margarido, em Kayak bi-lugar; e João Manuel Marques Madrinha e João Paulo Sabino, em canoa bi-lugar. Além dos prémios da organização, foram também entregues óculos mochilas t-shirts, etc. oferecidos por várias marcas de equipamentos relacionados com actividades de aventura.

Este ano, em função dos inquéritos preenchidos no ano passado pelos concorrentes (menos água e mais perguntas nos questionários), foram introduzidas algumas novidades, com perguntas baseadas no patrocinador, no que é a TAGUS e na sua área de intervenção, entre outras, e a organização faz um balanço positivo da iniciativa. Para Elizete Oliveira, assessora da TAGUS, o Aquapaper vai continuar a fazer-se “até que a iniciativa, por si própria, se afirme no território e se desenvolva sem estar dependente da TAGUS”.

Organizada pela MK TAGUS - Promoção de Turismo do Ribatejo Interior (LEADER+), com os apoios e parceria da Câmara Municipal de Abrantes e do Ecomuseu da Albufeira de Castelo do Bode, a iniciativa teve ainda o patrocínio de Juvenal Ferreira da Silva, SA, do site www.canoagem.online.pt, e o apoio logístico da Alfa Aventura.

TAGUS

1ª Turibérica

A 1ª edição da TURIBÉRICA – Feira de Turismo e Lazer de Portugal/Galiza decorreu entre 15 e 18 de Maio no Pavilhão de Feiras e Exposições de Penafiel. A Ader-Sousa associou-se a este evento dando a conhecer as suas áreas de actuação no âmbito dos Programas Comunitários LEADER I e II, através de uma exposição/mostra dos projectos financiados por aquele Programa.

Direccionada para o grande público, esta iniciativa constituiu uma oportunidade para a promoção e divulgação de actividades turísticas e de lazer permitindo ainda aos seus participantes dar a conhecer novos projectos e iniciativas. Com uma área coberta superior a 5 mil m², estiveram presentes neste evento os sectores do Turismo (Hotelaria, Campismo, Turismo Rural, Viagens, Cruzeiros), Lazer (Desportos Aventura, Barcos, Todo-o-Terreno, Tempos Livres), Gastronomia (Pratos Típicos e Vinhos Portugueses e Galegos) e Artesanato.

ADER-SOUSA

Mostra: “Vitrais Quatrocentistas do Mosteiro da Batalha” 14 de Junho a 31 de Outubro

A possibilidade de ver alguns dos melhores vitrais portugueses do século XV, é o que garante a organização desta exposição, a ter lugar na Galeria Mouzinho de Albuquerque, junto ao Mosteiro de Santa Maria da Vitória, na Batalha, entre 14 de Junho e 31 de Outubro.

Numa iniciativa das câmaras municipais da Batalha e Marinha Grande, a exposição reúne um conjunto de 12 painéis de vitral, de finais dos anos trinta e início dos anos quarenta de 1400, constituindo parte das primeiras encomendas régias realizadas para a Batalha – considerada o expoente máximo na arte vitral do séc. XV.

Mais informações:
Câmara Municipal da Marinha Grande
Tel: 244573317 / 300; Fax: 244561710
Internet: www.cm-mgrande.pt

Conferência “Desenvolvimento Local e Formação Profissional em Portugal e na Sardenha” 26 de Junho

Juntar relatores portugueses e sardos para discutir o desenvolvimento local e formação profissional, estabelecendo um paralelo entre o caso de Portugal e Sardenha, é o objectivo desta conferência que terá lugar dia 26 de Junho, no Hotel Dom Pedro, em Lisboa.

Para saber mais, contactar:
Camera di Commercio Italiano per il Portogallo
Tel: 217950263; Fax: 217931984
E-mail: cci.lisboa@mail.sitepac.pt
Internet: www.ccitalia.pt

Seminário Europeu: “Envelhecimento e Habitat: Modelos de Intervenção Social” 26, 27 e 28 de Junho

Aprofundar e adquirir conhecimentos sobre modelos de intervenção em situações de dificuldade e fragilidade que afectam os idosos; contribuir para o intercâmbio de experiências portuguesas com outros países da Europa; e desenvolver a análise crítica e reflexiva dos profissionais e diferentes intervenientes na área da intervenção social gerontológica, são os objectivos deste seminário, que, ao longo de três dias, pretende reunir decisores, Investigadores, dirigentes e profissionais da área da Gerontologia Social, no auditório do Instituto Português da Juventude, no Parque das Nações, em Lisboa.

Mais informações, contactar:
ISSScoop – Cooperativa de Ensino Superior e Intervenção Social
Departamento, Formação e Prestação de Serviços
Telef. 21 351 20 40/1; Fax: 21 354 52 10
E-mail: aolongodavida@iss.pt
Internet: www.iss.pt

Festival Medieval “Évoramonte Museu Vivo” 28 e 29 de Junho

Numa organização da Junta de Freguesia de Évoramonte (Santa Maria), o Festival Medieval pretende recriar um Torneio e Feira Medievais no finais do século XIV, durante o reinado de D. João I, tendo por base a tomada de posse do Castelo de Évoramonte por D. Nuno Álvares Pereira, o Condestável, em 1385.

Numa recriação em ambiente de “história ao vivo” desenrola-se o dia-a-dia comum na Idade Média, acompanhado de algumas actividades como o Torneio, a Feira, uma execução pública de um condenado, teatro, e um concerto de Música Medieval.

Mais informações, contactar:
Junta de Freguesia de Evoramonte (Santa Maria)
Tel: 268950200 / 268959227

1º Simpósio ISHS Internacional de Viticultura – Comércio e Investigação 30 de Junho a 2 de Julho

O futuro da viticultura: inovação ou conservação de valores? É a questão ponto de partida para este simpósio que abrange cinco tópicos: Evolução e inovação vitícola em Portugal, As castas e a melhoria do material vitícola, O impacto ambiental da viticultura, O desafio dos mercados, e Biotecnologia da videira. Tabu ou desafio?, além de quatro *workshops*.

Direccionado para profissionais de viticultura, investigadores e funcionários de serviços do sector vitícola, o simpósio vai ter lugar no Centro de Congressos, em Lisboa, e é iniciativa do sector privado, segundo as regras do ISHS – International Society for Horticultural Science.

Mais informações, contactar:
Tel: 214159900; Fax: 214159909
E-mail: meetingpoint@netcabo.com



Desenvolver (Des)envolvendo Reflexões e Pistas para o Desenvolvimento Local

Albino, José Carlos (supervisão, concepção e redacção) e Leão, Laura (coordenação e redacção); ESDIME – Agência para o Desenvolvimento Local no Alentejo Sudoeste, 2001

Reflexões, testemunhos, pistas, noções e posturas para o desenvolvimento local. Na sequência de um primeiro livro: "Desenvolver Desenvolvendo", publicado em 1997, que foi a síntese da apresentação de contributos com base em experiências diversas, com práticas e pistas para o desenvolvimento local no Alentejo, veio a realizar-se um debate, fruto da consciência das limitações e lacunas daquele primeiro trabalho.

O debate, realizado em Fevereiro de 1998, em Beja, no Centro de Formação Profissional, envolveu Associações de Desenvolvimento Local, autarquias, associações empresariais, instituições oficiais, instituições particulares de solidariedade social e instituições de ensino, numa intervenção alargada, em torno de três temas: Génese e Arranque de uma Iniciativa de Desenvolvimento Local; Objectivos, Métodos e Instrumentos das Associações de Desenvolvimento Local; e Desenvolvimento Local – aproximações e conceitos.

O livro "Desenvolver (Des)envolvendo" nasce assim de um levantamento de resultados do debate e das intervenções dos participantes, completado por contributos de três representantes de sócios colectivos da ANIMAR.

Dos novos contributos reunidos, que constituem um "manancial para a reflexão necessária", espera-se agora que contribuam para a continuidade de um processo inacabado. Como afirma José Carlos Albino na Apresentação, "peço-vos um favor: transpirem novas ideias sobre tudo o que aqui está registado e assumam o papel de autores e actores de novos instrumentos, livros, projectos ou histórias".



Educação e Formação de Adultos Factor de Desenvolvimento, Inovação e Competitividade

Silva, Isabel Melo, Leitão, José Alberto e Trigo, Maria Márcia (organizadores); ANEFA - Ad Litteram, 2002

"Apostar na educação e formação de adultos é promover o desenvolvimento, a inovação e a competitividade". É com base neste pressuposto que nasce este livro, resultado de um esforço colectivo de profissionais de diferentes instituições, que procura ser um "ponto de situação" de todo o trabalho que tem sido realizado em prol da promoção social e cultural de uma importante faixa da nossa população", uma vez que Portugal continua a registar níveis de qualificação (escolar e profissional) muito abaixo da generalidade dos nossos parceiros europeus.

O livro está estruturado em cinco capítulos, subordinados aos temas: Aprendizagem ao longo da vida; Experiência, aprendizagem e certificação; Novos modelos de educação e formação de adultos; Elementos para um balanço da intervenção da ANEFA; e Gestão das pessoas, do conhecimento e das competências; que reúnem um conjunto de textos de vários autores sobre as temáticas abordadas.

Reflexões sobre a educação e formação de adultos, aprendizagem ao longo da vida, tendências da educação e formação das pessoas, aliadas à apresentação do sistema de Reconhecimento, Validação e Certificação de Competências, cursos de Educação e Formação de Adultos (EFA), e Acções S@BER+, bem como balanços da actividade da ANEFA, são alguns dos tópicos abordados no quadro dos temas que constituem a publicação.



Formação para o Desenvolvimento Formação / Inserção Profissional Territorialisada

Soares, Maria Priscila (coordenação); Associação IN LOCO, 2001.

Tendo por base a experiência de formação/inserção profissional da Associação In Loco, este livro é fruto dos processos de formação profissional organizados pela associação.

A reflexão realizada é resultado de um projecto financiado pelo Eixo Integra, do Programa Emprego, e foi produzida por um grupo de nove pessoas que trabalharam ao longo do ano em seminário, numa perspectiva de investigação-acção participada, e beneficia ainda do confronto e diálogo com equipas técnicas de outras entidades.

A publicação está estruturada em quatro capítulos denominados Enquadramento, Uma Acção, Tronco Comum e Para Terminar, nos quais se pretende afinar a concepção de formações profissionais em desenvolvimento local, deixando disponíveis "muitos elementos do conhecimento que construímos e do 'nosso saber' - princípios orientadores, metodologias, técnicas, instrumentos", que podem ser úteis a outros agentes ligados à formação, "sobretudo se não forem vistos como componentes de um modelo fechado, a aplicar sem discernimento."

Ainda assim, a associação tem a humildade de reconhecer a existência de questões em aberto, que permanecem sem resposta, e que são reflexo da "consciência da imperfeição do resultado", dado que "o nosso saber é sempre provisório".

www.rude-adr.pt



«Promover o mundo rural. Um percurso, um desafio.» é o lema da RUDE - Associação de Desenvolvimento Rural e serve de declaração de boas-vindas ao site internet desta associação. As outras palavras guias que parecem querer captar

a atenção do internauta são elas, parcerias, animação, promoção, apoio técnico e informação. Ou seja, o dia-a-dia de uma organização desta dimensão local. De resto, este site é uma porta aberta para a associação, a sua acção e os seus projectos, a região e a Europa. Assim, a RUDE tem uma janela com um cortinado constituído pela Estrutura, Historial, Gabinete de Apoio e Parcerias. A Região localiza-se, caracteriza-se e avalia-se as potencialidades. O Centro Rural Cova da Beira é descrito por fases. O Programa LEADER fala-nos da Zona de Intervenção, do passado LEADER II e actual LEADER+. Finalmente, aparecem os Eventos e Lazer, que não precisam de apresentações, mas sim de plebiscitos.

Quanto aos destaques, a RUDE privilegia dois tipos de informações: uma informação actual sobre um tema de âmbito mais alargado e informações de carácter mais estrutural sobre a própria associação como são o Plano Global de Intervenção e o Plano de Desenvolvimento Local. No rodapé alinham-se, entre outras curiosidades, estudos e sugestões, as ferramentas habituais de um site que ser activo e interactivo, ou seja, a mailing list, o contacto, as sugestões e os links. Só nos falta dizer uma coisa: a cor dominante desta sítio é verde sobre fundo castanho claro.

www.iefp.pt



"Procura emprego? Procura soluções para a sua entidade? Procura formação? Procura informação sobre certificação?" A resposta a estas e outras perguntas pode ser encontrada no site do Instituto de Emprego e Formação Profissional (IEFP).

Num site que reúne uma multiplicidade de informação sobre emprego e formação profissional, é possível consultar Notícias actualizadas, aceder a Formulários de candidatura, e consultar Legislação. No item Estatísticas possibilita a consulta e análise de Indicadores de Actividade Formativa, Estatísticas do Mercado de Emprego e Observatório de Entradas na Vida Activa.

O Índice de Publicações, disponibiliza informação acerca de Periódicos, Coleções e Outras Publicações, enquanto a Mediateca de Formação Profissional proporciona Horário e Contactos, Destaques, um Catálogo e Regulamento disponível para consulta.

Através dos itens Acesso Candidatos e Acesso Entidades é possível fazer o registo de utente, criar um currículo, registar-se no IEFP, e consultar as ofertas de emprego disponíveis. Por fim, em Perguntas Frequentes, é possível obter respostas a questões de Candidatura a Emprego, Prestações de Desemprego, Apoios a Empresas, Apoios a Pessoas com Deficiência, ou Oferta de Formação Profissional, entre um conjunto de 17 áreas de consulta.

Tudo, num site de consulta fácil, com informação abundante e completa, facilidade de contacto, e seguindo uma Política de privacidade rigorosa.

www.inofor.pt



Inofor - Instituto para a Inovação na Formação é um instituto público vocacionado para o reforço da qualidade e eficácia da formação profissional. É uma organização-recurso de apoio à profissionalização e ao desenvolvimento das entidades formadoras e dos profissionais da formação.

Ao visitar este site, o internauta descobrirá para consulta e download um vasto painel de informações e ferramentas úteis no quadro do processo de formação profissional. Destaca-se aqui o Centro de Recursos em Conhecimento (CRC), um espaço de consulta e experimentação de novos métodos formativos, de troca de experiências e de apoio prático aos profissionais de formação, como meio de difusão da inovação ao serviço do desenvolvimento de competências individuais e/ou colectivas. Este centro é o núcleo central de uma estrutura mais complexa chamada Rede de Centros de Recursos em Conhecimento que apoia entidades formadoras e profissionais de formação no desenvolvimento de competências necessárias ao reforço da competitividade das pessoas e das organizações. A partir daqui o internauta curioso desta temática da formação profissional poderá ligar-se ao www.crc.virtual.pt, onde após inscrição poderá receber aconselhamento directo de qualquer CRC que detenha as competências ou conteúdos ajustados às suas necessidades. Funciona como recurso complementar ou alternativo ao atendimento presencial.

Quinta da Caravela

Produtos biológicos

Fazer chouriço ou queijo de soja e manteiga de amêndoa ou avelã, são algumas das especialidades da unidade de transformação da Quinta da Caravela. Um projecto multifacetado, com respeito pelo ambiente, e que é fruto da experiência de um homem, numa história iniciada há 30 anos.



Paula Matos dos Santos / INDE



Paula Matos dos Santos / INDE

Farinheiras, chouriços e queijo de soja, bem como manteiga de oleoginosas - amêndoa, amendoim, sésamo e avelã - são algumas das especialidades produzidas na Quinta da Caravela. Uma unidade de transformação inserida num projecto mais abrangente, desenvolvido por Carlos Ricardo, um activista e promotor da alimentação biológica, "não fundamentalista", que decidiu levar para Taliscas, freguesia do Paúl (concelho da Covilhã), uma ideia inovadora. Tudo começou há 30 anos. Portugal vivia numa "pasmaceira" ao nível do conhecimento que se tinha da alimentação e produção biológica, e "a ecologia era vista como uma coisa de indivíduos lunáticos", olhada com desconfiança e hostilidade. Mas, Carlos Ricardo, então um jovem de 21 anos, vivia os primeiros dados com entusiasmo e participava activamente no efervescente movimento que despertava.

"Quando somos jovens temos ideais", afirma. Interessava-se por medicinas alternativas, alimentação biológica e vegetarianismo, entre outras coisas na área. Tornou-se um consumidor da alimentação biológica, e um curioso do tema. Devorou livros, e participou em reuniões, seminários e manifestações, com a avidez própria da idade. Ganhou forma um "curioso, activista e promotor", como o próprio se define.

Antes, trabalhou em fábricas e escritórios, mas insatisfeito com o percurso profissional trilhado, começou a "procurar outras formas de estar na vida". Despede-se e, por um quarto do salário que auferia anteriormente, aceita ligar-se a uma cooperativa de consumidores de produtos biológicos. Trabalhou em várias áreas, até se fixar na cozinha, onde chegou a chefe, mas o entusiasmo esmoreceu e decidiu dar um novo rumo à vida. Acabou por se ir embora e fundar uma pequena empresa em sociedade: a Próvida - Produtos Naturais, Lda. Uma experiência

empresarial que durou oito anos, mas à qual ainda mantém laços. Os produtos que transforma são lançados no mercado sob a marca Próvida.

A experiência serviu para sedimentar convicções e reafirmar a opção por este tipo de práticas alimentares. Para Carlos Ricardo não existem dúvidas, "a aceleração do crescimento por razões económicas é uma mentira que se repercute na saúde das pessoas". É uma produção "não equilibrada, e com défice de nutrientes". Uma perspectiva, que reforça com uma metáfora: "é como querer que o crescimento de um filho, que demora 20 anos, aconteça em cinco, através da utilização de produtos químicos". Ao quereremos fazer isso com os animais "criamos aberrações".

Respeito pelos ciclos naturais

A agricultura biológica é a resposta para esta problemática. Caracteriza-se pelo respeito e afirmação dos ciclos naturais, assente numa filosofia e conjunto de princípios. Baseia-se no funcionamento do ecossistema agrário, recorre a práticas como rotações culturais, adubos verdes, luta biológica contra pragas e doenças, que fomentam o equilíbrio e biodiversidade. Uma interacção dinâmica entre solo, plantas, animais e humanos. Com a bagagem repleta de conhecimentos na área, muda-se para o Paúl e, há três anos, compra a Quinta da Caravela. É a oportunidade de valorização do *background* adquirido ao longo dos anos, numa associação da teoria e prática.

A aventura inicia-se com a criação de uma pequena unidade de transformação de produtos biológicos. Queijo, chouriços e farinheiras de soja, bem como manteiga de oleoginosas, são os produtos que dão trabalho sete pessoas efectivas, incluindo Carlos Ricardo e a esposa. No cultivo, transporte,

armazenamento, transformação e embalagem existe um imperativo: não existem produtos químicos. Por exemplo, o chouriço de soja, só leva condimentos naturais - pimentão, alho, azeite, vinho, louro, cominhos e sal.

O problema destes empreendimentos é que a produção de agricultura biológica tem forçosamente custos mais elevados. "Os tempos de maturação e crescimento são maiores, logo os produtos não são em tão grande qualidade". É um processo de ajustamento da quantidade e qualidade. Talvez por isso, esta produção agrícola ainda seja insípida em Portugal.

Também por isso, o projecto pretende alargar as actividades. No horizonte estão o turismo rural ecológico, oficinas tradicionais (carpintaria, tecelagem, olaria, cerâmica), agricultura biológica, plantas medicinais, apicultura e piscicultura, além do reforço da unidade de transformação. Aliás, a fábrica surge como uma possibilidade de angariar fundos para outras actividades, e é aqui que incide o apoio LEADER+ da ADERES - Associação de Desenvolvimento Rural Estrela-Sul. As expectativas em relação à nova fábrica vão no sentido de duplicar o número de funcionários efectivos.

Na agricultura pretende-se cultivar hortícolas (abóbora, cenouras, couves, alfaces, feijão), apostando nos mercados das grandes áreas metropolitanas do país. A Quinta Pedagógica, visa uma função educativa, com a realização de convénios para escolas, actividades de natureza, passeios e seminários, enquanto as oficinas pretendem ser espaços para ateliês e *workshops*, orientados por profissionais dessas áreas. Um projecto que Carlos Ricardo acredita poder ser um "ponto de referência no concelho, atractivo para visitantes".

João Limão

Ficha Técnica

Pessoas e Lugares

Jornal de Animação da Rede Portuguesa LEADER+

II Série | N.º 9 | Maio 2003

Propriedade

INDE - Intercooperação e Desenvolvimento, CRL

Redacção

INDE
Av. Frei Miguel Contreiras, 54 - 3º
1700-213 Lisboa
Tel.: 21 8435870
Fax: 21 8435871
E-mail: pl@inde.pt

Mensário

Directora

Cristina Cavaco

Conselho Editorial

Carlos Mattamouros Resende/IDRHa, Cristina Cavaco/INDE, Francisco Botelho/INDE, Guilherme Lewes/IDRHa, Luís Chaves/Minha Terra, Maria do Rosário Serafim/IDRHa, Paula Matos dos Santos/INDE

Redacção

Paula Matos dos Santos (Chefe de Redacção), Francisco Botelho, João Limão, Maria do Rosário Aranha

Colaboraram neste número

ADELIAÇOR, ADERES, ADER-SOUSA, ADIBER, ADREPES, ADRUSE, Federação Minha Terra, José Alberto Leitão (DGFV), LEADEROESTE, Maria do Rosário Serafim (IDRHa), Susana Martins (ADRMAG), TAGUS, TERRAS DE SICÓ

Edição gráfica

Diogo Lencastre (INDE), Marta Gafanha (INDE)

Impressão

Diário do Minho
Rua de Santa Margarida, n.º 4
4710-306 Braga

Tiragem

6 000 exemplares

Depósito Legal

nº 142 507/99

Registo ICS

nº 123 607

